



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**TEMPOS DE PESTE: O JORNALISMO LITERÁRIO DA
REVISTA *PIAUÍ* EM 2020**

PEDRO BOYD TAVARES

Rio de Janeiro

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**TEMPOS DE PESTE: O JORNALISMO LITERÁRIO DA
REVISTA *PIAUÍ* EM 2020**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma
de Bacharel em Jornalismo.

PEDRO BOYD TAVARES

Orientadora: Profa. Dra. Marialva Carlos Barbosa

Coorientadora: Profa. Dra. Ana Paula Goulart de Andrade

Rio de Janeiro

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

B789t
Boyd Tavares, Pedro
Tempos de Peste: o Jornalismo Literário da Revista piauí em 2020 / Pedro Boyd Tavares. -- Rio de Janeiro, 2024.
66 f.

Orientadora: Marialva Carlos Barbosa.
Coorientadora: Ana Paula Goulart de Andrade.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da Comunicação, Bacharel em Comunicação Social: Jornalismo, 2024.

1. revista piauí. 2. jornalismo literário.
3. covid-19. 4. fake news. 5. peste. I. Carlos Barbosa, Marialva, orient. II. Goulart de Andrade, Ana Paula, coorient. III. Título.

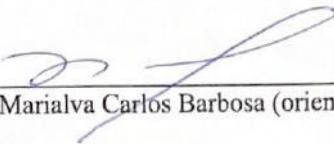
Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo autor, sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

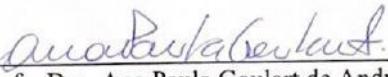
TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o trabalho **Tempos de Peste: o Jornalismo Literário da Revista piauí em 2020**, elaborado por **Pedro Boyd Tavares**.

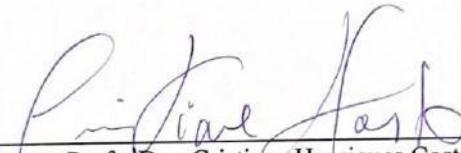
Aprovado por



Profa. Dra. Marialva Carlos Barbosa (orientadora)



Profa. Dra. Ana Paula Goulart de Andrade (coorientadora)



Profa. Dra. Cristiane Henriques Costa



Profa. Dra. Adelaida Cristina Rocha de La Torre Chao

Grau: **10,0**
Rio de Janeiro, no dia **12/12/2024**

Rio de Janeiro

2024

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos meus pais, que me deram as melhores condições do mundo e transformaram o apartamento em Brasília em um quartel-general para que este trabalho fosse realizado.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Renata, quem primeiro me ensinou a ler e a escrever. Aquela que faz de tudo para que eu tenha sempre o melhor e me ensina como ser uma pessoa melhor.

Ao meu pai, Marcelo, minha maior inspiração. Aquele que me orienta para tornar meus atos e meus textos mais meus.

Às minhas avós, Jan e Fátima, que desde o início dessa jornada me estimulam com gestos que transbordam amor e carinho.

Aos meus tios e primos que torcem e vibram com cada conquista minha.

Aos meus amigos Rebecca e Matheus que me acompanham desde quando éramos jovens calouros às vésperas de uma pandemia. Hugo e Danilo, meus amigos rubro-negros, de Maracanã e de conversas profundas sobre jornalismo. Pedro, Rita, Bernardo, Luana, Lucas e Julia, amigos que formei na aula de Teoria da Comunicação II, da saudosa professora Ieda Tucherman, e que até hoje seguem ao meu lado. À Marina, que está comigo desde o momento em que eu escolhi ser jornalista.

Ao professor Marcio Tavares d'Amaral, que me ajudou a viver os tempos da Peste com uma perspectiva humanitária e sem perder a esperança na Verdade.

À minha coorientadora Ana Paula Goulart de Andrade, quem me apresentou as possibilidades do universo acadêmico dentro da UFRJ e até hoje me estimula para que eu continue por esse caminho. Juntos, submetemos artigos e realizamos apresentações em congressos acadêmicos.

À professora Cristiane Costa, que pavimentou o meu repertório sobre Jornalismo Literário com aulas cativantes e criativas e que me deu o privilégio de compor minha banca. À professora Adelaide Cristina, que gentilmente se prontificou a participar da banca de última hora.

Aos meus editores Alcino Leite e André Petry, que foram generosos em conversar comigo e

trazer à luz as escolhas da revista durante os tempos de Peste. Não bastasse isso, vêm inspirando e orientando a minha jornada na *piauí*. Ao João Moreira Salles, que também dedicou seu tempo para falar comigo sobre as capas daquele período. Ao Daniel Bergamasco e a todos os meus colegas de redação da Revista *piauí*, pelo suporte e pelo companheirismo.

Por fim, agradeço à minha orientadora Marialva Barbosa, que em cada sugestão, dica e orientação, demonstrou apreço e confiança no meu trabalho. Ela brinca dizendo que na ECO, quem não foi aluno dela, um dia vai ser. Eu posso dizer, orgulhoso, que fui aluno e orientando.

EPÍGRAFE

O tempo do vírus é natural e cego. Por isso, junto com a inocência, os relógios devem perder também a arrogância. Essa é uma sabedoria que podemos retirar do tempo breve, do dia a dia, do adiamento curto, do medo novo: o tempo não é nosso.

(Marcio Tavares d`Amaral)

TAVARES, Pedro Boyd. **Tempos de Peste: o Jornalismo Literário da Revista *piauí* em 2020.** Orientadora: Marialva Carlos Barbosa. Coorientadora: Ana Paula Goulart de Andrade. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2024.

RESUMO

Este trabalho pretende investigar o comportamento jornalístico da Revista *piauí* frente ao avanço da pandemia da Covid-19 ao longo do ano de 2020, a partir da análise de reportagens publicadas na seção “Tempos da Peste”, criada exclusivamente para a temática da crise provocada pelo vírus. Foram nove edições da revista no ano de 2020 (abril a dezembro) que mesclaram a urgência própria da pandemia combinada às características do Jornalismo Literário, gênero de referência narrativa da revista. O trabalho faz um recuo histórico, contextualizando brevemente o Jornalismo Literário no Brasil para discutir o que estamos denominando Jornalismo Literário Avançado (JLA), que, acredito, é representado de maneira singular pela *piauí*. Em seguida são analisadas as quatro primeiras edições do “Tempo da Peste” com o objetivo de verificar como o denominado JLA se configura narrativamente na revista em meio ao drama inicial da pandemia.

Palavras-chave: revista *piauí*; jornalismo literário; covid-19; fake news; peste.

SUMÁRIO

1. Introdução	1
2. Definindo fronteiras: O espaço do jornalismo literário	7
2.1. Jornalismo Literário no Brasil e novos paradigmas da profissão	10
2.2. Novo Jornalismo	14
2.3. Jornalismo Literário Avançado (JLA)	16
2.3.1. <i>piauí</i> : Jornalismo Literário Avançado	17
3. Jornalismo na pandemia da Covid-19: Fonte de informação	21
3.1. Desinformação: A guerra contra as fake news	24
3.2. Outra forma de combate: mundos possíveis	27
4. A <i>piauí</i> em 2020: Modos de contar a história	31
4.1. A narração da Peste	35
4.2. Fases do Tempo da Peste: os quatro primeiros meses	37
4.2.1. Abril da resiliência	37
4.2.2. Maio da investigação	41
4.2.3. Junho do cosmopolitismo	46
4.2.4. Julho do luto	48
5. Considerações finais	51
6. Referências bibliográficas	53

1. Introdução

Era 24 de março de 2020, uma terça-feira, e o jornalista André Petry tinha uma missão: coordenar o fechamento da edição de abril da Revista *piauí*, periódico mensal, de maneira totalmente remota. A tarefa desafiadora tinha ainda um agravante no caso particular de Petry. Ele havia acabado de assumir o cargo de editor-chefe e diretor de redação da revista e aquela seria a primeira edição totalmente fechada e editada em sua gestão. Desde dezembro, ele já vinha acompanhando o então diretor de redação Fernando de Barros e Silva para observar os processos. Mas a partir de março, o novo diretor assumiria sozinho. E para piorar, havia um outro fator adverso e, naqueles tempos, preocupante: Petry estava gripado.

Por causa dos sintomas, ele não podia ir de forma presencial à redação da *piauí*, localizada no bairro de Ipanema, na Zona Sul do Rio. Com isso, a produtora-executiva da revista Raquel Zangrandi, decidiu enviar, por meio de um motoboy, as páginas impressas das matérias que iriam compor aquela edição, para que Petry lesse os textos no papel e em tamanho real (A *piauí* utiliza a folha tamanho 26,5 x 34,8 cm sua composição) e assim pudesse fazer as correções e os acréscimos que desejasse aos textos. Depois de ler, Petry enviou de volta as páginas para a produtora que fez, junto com a equipe de revisão, os ajustes finais.

As matérias da *piauí* levam tempo para serem apuradas e escritas, prezando pelo esforço cuidadoso dos jornalistas em apurar os fatos e desenvolver a conversa com as fontes (Breda; Funck; Valiati, 2021). Portanto, a maioria das reportagens que seria publicada naquela edição de abril já estava sendo produzida, planejada e apurada bem antes do decreto de quarentena da pandemia, que aconteceu na maior parte do país a partir do dia 16 de março, uma segunda-feira. No entanto, parecia inevitável que a revista abordasse e incluisse de alguma forma a temática do vírus na edição, que naquele mês de abril já atingiria de forma incisiva o país.

Mas com o lockdown, surgia um dilema: como apurar, redigir e editar reportagens longas em menos de 15 dias? Foi daí que surgiu a ideia de criar uma seção exclusivamente voltada para falar da crise que a pandemia já começava a provocar. Essa urgência e necessidade de imediatismo levou a *piauí* a tomar a outra decisão: que naquele mês, as matérias que entrariam na nova seção não seriam escritas por jornalistas, mas por cientistas políticos, professores, acadêmicos, filósofos, médicos, profissionais de quem não se exige uma apuração jornalística na feitura dos textos, própria dos repórteres.

Deu tempo de incluir uma outra novidade editorial, provocada pela pandemia, e que também já seria incorporada naquela edição de abril. A seção “Esquina”, presente desde a primeira edição da *piauí*, ocupando as primeiras páginas, passou a se chamar “Quarentena”, atitude imposta às pessoas que não podiam sair de suas casas nem ir às esquinas de suas ruas, sem o temor do contágio do vírus. Para o leitor pouco familiarizado com o periódico, abaixo uma definição do que é uma “Esquina” feita pelo próprio site da *piauí*:

São histórias de todo canto, sobre pessoas, lugares e acontecimentos, que muitas vezes passariam longe do noticiário. Os textos são feitos com o mesmo rigor de reportagens mais extensas da revista e do site e passam por um trabalho atento de edição, checagem e revisão. Na forma, porém, muitas vezes se assemelham a pequenos contos (Uma história..., 2024).¹

Com todos esses percalços e adaptações nasceu, enfim, a edição número 163, de abril de 2020, e com ela surgia uma das primeiras criações editoriais na gestão de Petry: a seção voltada a matérias sobre crise e pandemia. Eram novos tempos que começavam a partir daquele momento. Era o Tempo da Peste.

A escolha da Revista *piauí* como objeto principal desta monografia está relacionada à especificidade do periódico como uma das referências mais relevantes dentro do gênero do Jornalismo Literário, no Brasil, que foi um tipo de jornalismo que mais me encantou ao longo da graduação, pela sua capacidade de imersão na narrativa da reportagem e pela profundidade dos personagens. O fenômeno pandêmico e as milhares de histórias relacionadas às mortes e aos dramas pessoais, acredito, puderam nutrir esse Jornalismo Literário da *piauí* de apurações, histórias e personagens — subsídios importantes para o desenvolvimento de reportagens de maior “fôlego”. Levando em consideração o cenário de crise, me inquietou a hipótese de que se essas matérias poderiam ganhar novos contornos e atingir novas formas de mobilização dos leitores, para além do mero caráter informativo.

É importante destacar que desde abril de 2023, eu atuo como estagiário de jornalismo da Revista *piauí*, inicialmente na redação no Rio de Janeiro, em Ipanema, e desde agosto deste ano, baseado na sucursal de Brasília. Mergulhar na pesquisa de uma revista na qual estou, há quase dois anos, inserido na dinâmica de montagem e produção, poderia ser ao mesmo tempo didático e encantador. Entender os processos e as posturas da *piauí* durante de um momento como a pandemia da Covid-19, poderá fornecer ferramentas para desenvolver uma mentalidade apta a encarar momentos de adversidade dentro do *modus operandi* de atuação revista. Além disso, investigar o Jornalismo Literário como instrumento de cidadania

¹ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/concurso-uma-historia-na-minha-esquina/>. Acesso em: 5 nov. 2024.

e combatividade, ao vírus e à crise, a partir de histórias reais, de personagens ocultos, de investigações, de perfis pouco óbvios, é, sem dúvida, um enorme aprendizado para um jornalista prestes a se formar. Dessa forma, a narrativa, o repertório, os valores e o estilo de fazer jornalismo da *piauí* marcam, de maneira significativa, o objeto e o pesquisador. Esse tênue equilíbrio vai pavimentar as páginas a seguir.

É intuitiva a percepção de que em momentos de incerteza econômica, crises políticas ou violentas agitações sociais, a busca por informação — rápida e relevante — se torna uma necessidade. A pandemia do coronavírus reuniu toda essa angústia, trazendo não só o medo diante de um vírus desconhecido e mortal, mas também a apreensão em torno do isolamento social e dos imprevisíveis efeitos do lockdown, tanto no que se refere à saúde emocional de milhões pessoas presas em suas casas e distante do convívio com a amigos e parentes, mas também em relação à economia de um país paralisado.

Os telejornais e os sites da internet assumiram papel decisivo como verdadeiras bússolas em meio ao completo desnorteamento que o país sentia diante de milhares de mortos. Ciente dessa situação, o jornalismo se viu diante da necessidade de se adaptar imediatamente ao novo contexto. No caso dos canais jornalísticos da TV fechada, o sinal liberado permitia acesso facilitado às coberturas. Os meios de apuração do número de doentes e mortos foi se aprimorando até a consolidação do consórcio formado por grandes veículos brasileiros — uma demonstração clara de união da imprensa em prol da informação checada e verificada para o público². Entrevistas passaram a ser feitas à distância, com repórteres usando máscaras. Mas se o telejornalismo e seu apelo imagético tornavam mais explícito o contexto inédito, a imprensa escrita não se manteve alheia às mudanças.

Se o jornalismo informativo, que neste trabalho será chamado de jornalismo convencional, trazia como referência de qualidade a velocidade com a qual a informação era veiculada — o que na prática poderia significar a adoção por parte da população de comportamentos decisivos na contenção da pandemia, como o uso de máscaras — a relação do Jornalismo Literário com o cenário da pandemia não tem a mesma obviedade. Não há como competir com a velocidade: o Jornalismo Literário precisa de tempo para ser produzido, e não acompanha a dinâmica das novas notícias sobre o vírus. Também é inglória qualquer tentativa de competir com o alcance do jornalismo convencional (o público leitor de jornalismo escrito e impresso, e ainda mais de Jornalismo Literário, é bem mais restrito). Se a

² Há que se destacar que o consórcio da imprensa só foi firmado quando o Ministério da Saúde passou a se recusar a fornecer os dados consolidados em tempo hábil para a divulgação jornalística, tendo também mudado o método de consolidação do número de mortos e infectados. Para a formação do consórcio de imprensa criado durante a pandemia (Cony, 2021).

preocupação desse tipo de abordagem jornalística ultrapassa o imediatismo informativo, sua importância em tempos tão urgentes não é facilmente detectável. Ou ainda: se a reflexão acerca da pandemia se fazia necessária, em relação a seus efeitos políticos, econômicos e sociais, como promovê-la em meio à vertigem do vírus desconhecido e à necessidade do imediatismo?

A partir destes questionamentos, o presente trabalho propõe uma reflexão sobre as matérias incluídas na seção “Tempos da Peste”, da Revista *piauí*, nos primeiros meses de pandemia, como um exemplo prático de adaptação e reação do Jornalismo Literário em um contexto de exceção, como uma pandemia global. E como esta seção pode ser vista com opção para o Jornalismo Literário diante de crises.

O objetivo do texto, assim, é justamente mostrar o percurso narrativo nos primeiros meses de veiculação da seção “Tempos de Peste” — do seu lançamento em abril até seu amadurecimento, em julho. O recorte das edições para análise vai se basear na duração da seção “Quarentena”, a renomeação da “Esquina”, seção introdutória da *piauí*, já apresentada. A “quarentena” da *piauí*, durou de abril até julho. Não porque, a partir daquele período, a pandemia parecia ter chegado ao fim, pelo contrário, naquele momento o Brasil estava prestes a atingir a marca de 100 mil óbitos por Covid-19. O objetivo da *piaui* em retomar com as “esquinas” em agosto, era passar a mensagem que a partir daquele momento, já se podia, com todos nos cuidados e protocolos, apurar matérias, ao estilo e ao modelo do Jornalismo Literário, de forma híbrida, isto é, parcialmente nas ruas. Por esta razão, este trabalho optou por delimitar a análise das seções de “Tempo da Peste” de abril a julho, tendo como parâmetro condutor, a seção “Quarentena”, até pelos limites impostos a uma monografia.

Em 2020, “Tempos da Peste” se estendeu até o mês de outubro. A partir de novembro, não há mais uma seção exclusiva voltada para as matérias desta editoria (que no sumário aparecem destacadas em vermelho para localizar o leitor), há apenas o chapéu³ referente a uma única matéria: um perfil do médico patologista Paulo Saldiva. E na edição de dezembro não há nenhuma matéria do “Tempos da Peste”. A seção seria retomada em fevereiro de 2021, acompanhando a piora no quadro da pandemia no país. A última edição de Tempos da Peste, como seção, é de setembro de 2021.

Nos últimos anos, outro desafio para o jornalismo, e que em tempos de crise, se torna mais contundente, são as fake news, que no senso comum pode ser definida como notícias

³ Jargão jornalístico para falar do assunto da matéria. Geralmente aparece no cabeçalho da página.

falsas⁴. Uma outra breve proposta incluída de maneira tímida nesta pesquisa, que pretendo ampliá-la em novas incursões acadêmicas, é explorar a maneira na qual o Jornalismo Literário da *piauí* se posiciona diante das temáticas do vírus e da crise e se este posicionamento pode se apresentar como forma eficiente de combate às fake news. Ou pelo menos como uma demonstração de combate. Para isso, o trabalho vai se voltar para o conceito desenvolvido pelo pesquisador Edvaldo Pereira Lima (2013; 2014), de Jornalismo Literário Avançado (JLA), que seria uma versão mais atualizada e complexa do Jornalismo Literário, sempre atenta ao contexto que se insere e que considera central a necessidade de adaptação e atualização de contextos sociais para cada história narrada. Proponho, a partir da análise da Revista *piauí*, considerar que o periódico é um exemplo contemporâneo do JLA. E que a criação da seção “Tempos da Peste” demonstraria isso.

No Jornalismo Literário Avançado praticado no contexto da pandemia, as estratégias narrativas e textuais buscariam, mais do que informar, “encantar” o leitor, da mesma forma que as fake news e as teorias da conspiração são atraentes para o público. O “feitiço” delas está em colocar respostas simples a problemas complexos, como explica Paolo Demuru (2024). Esse “engajamento encantador”, como um artifício presente nas matérias da *piauí*, é uma das ideias que serão desenvolvidas nos próximos capítulos.

O Jornalismo Literário, como será visto a seguir, é identificado como um gênero em expansão (Martinez, 2009), razão pela qual há uma gama de nomenclaturas e terminologias que são usadas como sinônimos do conceito. Talita Duvanel (2009) prefere o termo “jornalismo narrativo”, porque, na visão dela, vincular a literatura e o texto ficcional no processo de produção tenderia a reduzir o jornalismo, ofuscando características e processos essenciais para a elaboração e validação do texto noticioso. No fim, todos os termos querem dizer a mesma coisa — um texto jornalístico, que, ainda que trazendo traços do jornalismo informativo e dos padrões narrativos construídos para o jornalismo assim identificado, possui características e referências do texto ficcional. Este trabalho optou por utilizar o termo “Jornalismo Literário”, por ser, em primeiro lugar, um conceito consolidado e que representa até mesmo um subcampo de pesquisa nos Estudos de Jornalismo. Em segundo, porque, no nosso entendimento, foi a potencialidade dos aspectos literários atrelada às histórias narradas no período da pandemia e baseadas no que podemos chamar mundo real, fez do gênero uma importante ferramenta de combate e de conscientização. Por fim, a escolha dialoga,

⁴ Evidentemente a questão das chamadas fake news na construção da desinformação e como estratégia política adotada de maneira extensiva na sociedade, é muito mais complexa. Como aqui fazemos apenas uma breve referência ao tema, não temos a pretensão de produzir uma definição mais aprofundada.

sobretudo, com o conceito de Evaldo Pereira Lima (2013), de Jornalismo Literário Avançado (JLA).

A pesquisa será dividida em três partes. Para chegar ao conceito mais refinado do JLA, proponho um recuo histórico nas origens do conceito de Jornalismo Literário, tensionando autores e artigos, que são referências do gênero. De forma breve, o trabalho vai também relembrar algumas transformações que o jornalismo convencional sofreu com a pandemia e como isso impactou a maneira de pensar e produzir notícias. Por fim, a pesquisa vai se dedicar à análise dos quatro meses iniciais da seção “Tempos da Peste”, de abril a julho de 2020, dando maior ênfase a algumas matérias escolhidas de maneira aleatória.

Um dos objetivos deste trabalho é que o leitor, ao final do texto, consiga compreender por que a Revista *piauí* é um periódico de Jornalismo Literário e, ao mesmo tempo, como as suas escolhas editoriais no período da pandemia, com, por exemplo, a criação da seção “Tempos da Peste”, permitem que ela possa ser considerada uma revista qualificada como sendo inserida no gênero editorial Jornalismo Literário Avançado, mesclando a informação com o “encantamento”, como destaca Lima (2013), tornando as notícias mais palpáveis e vívidas para o leitor.

2. Definindo fronteiras: o espaço do Jornalismo Literário

No primeiro capítulo de suas memórias póstumas, o personagem machadiano Brás Cubas faz questão de afirmar que ele não é um “autor defunto, mas um defunto autor”. Uma inversão sutil, mas que altera substancialmente a relação entre substantivo e adjetivo: no primeiro caso, ser defunto é uma qualidade do escritor e no segundo, é o defunto que se interessa pelas letras. Curiosamente, é possível fazer essa analogia com o próprio autor do livro. Afinal, Machado de Assis era notadamente escritor, mas percorreu diversos campos de atuação ao longo de sua vida, trabalhando como jornalista, além de seus cargos públicos no governo. Apesar de secundária, ou menos lembrada⁵, a função “Machado-jornalista” teve papel significativo nas convicções que ajudaram a moldar a trajetória do escritor. A imprensa, para Machado, não era apenas um espaço para publicizar seus escritos literários, mas um meio de criticar e refletir sobre a própria função do jornalismo. Em crônica publicada no jornal *Correio Mercantil*, em janeiro de 1859, o autor reflete temas que ainda estão muito atuais e que norteiam algumas das produções acadêmicas em torno dos conceitos de Jornalismo Literário⁶.

O livro absorverá o jornal? o jornal devorará o livro? [...] O jornal é a verdadeira forma da república do pensamento. É a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática (Correio Mercantil, 10 jan. 1859, p.1).

Ora, se o jornal podia ser compreendido como “a literatura do comum”, do cotidiano, das vivências banais em sociedade, no século XIX, as palavras jornalismo e literatura se misturavam, indicando a não separação do campo jornalístico do campo literário (Bourdieu, 2007). Mesmo sem a autonomização do campo jornalístico da literatura, podemos dizer que já existia Jornalismo Literário desde o século XIX? Para alguns autores, como Martinez, o gênero nasce antes mesmo da escrita, por exemplo, nos poemas narrativos das tradições orais:

No campo do pensamento mítico, o Jornalismo Literário tem em comum com os primeiros contadores de histórias a riqueza imagética, isto é, a capacidade de tecer narrativas com símbolos, metáforas e imagens que são de fácil compreensão para todos. Assim, em vez de gastar linhas e linhas explicando que tal político age, digamos, sem escrúpulos, pode-se dizer que o sujeito é uma raposa. Uma pequena

⁵ Pelo menos no que diz respeito ao público leitor em geral, pois do ponto de vista acadêmico há centenas de trabalhos que enfocam exatamente Machado de Assis Jornalista. Uma simples busca no Google Acadêmico revela perto de 30 mil resultados. Se a pesquisa se der no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, utilizando a expressão literal “Machado de Assis jornalista” há o registro de duas dissertações de mestrado e duas teses de doutorado. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>. Acesso em 19 nov. 2024.

⁶ Utilizaremos no decorrer do trabalho o termo Jornalismo Literário em letras maiúsculas.

palavra, mas com conteúdo tão abrangente que até uma criança a entende (Martinez, 2009, p. 73).

É um ponto de vista interessante, sobretudo se pensarmos nas principais características que foram estabelecidas para a conceituação do que viria a ser o Jornalismo Literário, como a valorização da subjetividade, a construção minuciosa de cenas e apostas na interpretação das emoções dos personagens, além da mobilização de recursos para estimular uma criação imagética do relato que leva o leitor a uma imersão na história que se pretende contar. Segundo Felipe Pena, essa tipologia de jornalismo ultrapassa os meros limites do acontecimento, aquilo que muitas vezes vai nortear e engessar outros tipos de textos noticiosos (Pena, 2007). Porém, esta afirmação de Martinez traz ao mesmo tempo um questionamento: como delimitar Jornalismo Literário antes mesmo de haver definições claras do que é jornalismo?

Historicamente, o jornalismo é um campo que se construiu a partir da intercessão e da imbricação com outras áreas do conhecimento humano. Os primeiros jornais que circulavam na Europa, no início do século XVII, eram difusores de novas ideias que nasciam ao passo da modernidade: transformações urbanas, desenvolvimento tecnológico e comercial, a necessidade de relatar fatos que ocorriam a milhares de quilômetros de distância.

Ainda que no Brasil, os processos históricos sejam profundamente diversos, também o jornalismo industrial surgiu na passagem do século XIX para o XX a partir da adoção de práticas e processos governados pela lógica das tecnologias que se antepuseram às práticas, no contexto de formação da ideia de Nação. Neste sentido, ao jornalismo cabia ser também moderno, adotando como premissa a ideologia do progresso, se constituindo num discurso conformador da Nação, agora republicana, que queria ingressar em novos tempos civilizatórios (Barbosa, 2007). O avanço da urbanização, combinado com o fortalecimento do que viria a ser conhecido como "opinião pública"⁷, mas sobretudo a ampliação do público leitor, trouxe o jornalismo para um novo cenário, já na República com a industrialização dos jornais, que passaram a ser verdadeiras fábricas de notícias.

Se no século XIX, sobretudo, no contexto da independência a relação entre jornalismo e política, no Rio de Janeiro, então cidade imperial, foi fundamental para ampliação da palavra pública e para os debates de natureza política, formando o que Marco Morel denomina espaço público (2005), no qual a imprensa tem particular importância, no século XX construiu-se o que Marialva Barbosa (2007) denomina “fábricas de notícias”. No século

⁷ Os jornais só se expandem no Brasil no contexto da Independência, isto é, a partir de 1820, com a formação do que Marco Morel (2005) identifica como construção do espaço público político e da opinião pública.

XIX, a palavra pública tomava as ruas, nos debates políticos, nas conversas, nas sociedades literárias e maçônicas, trazendo a possibilidade de autores que exigiam publicar suas interpretações de mundo, o que remonta a origem mais embrionária da profissão: os publicistas (Morel, 2005; Barbosa, 2010). Eram políticos, juristas, advogados, membros da nobreza que usavam do jornal e dos panfletos para propagar e difundir suas ideias a um público restrito e seletivo que, sabiam, estava cada vez mais permeável a esse tipo de leitura. E sabiam convencer e engajar com a palavra. Como explicou Gabriel Tarde: “A força dos publicistas deve-se antes de tudo ao conhecimento instintivo que possuem da psicologia do público” (Tarde, 2005, p.23).

Desde os anos 1880, mas com mais intensidade no alvorecer do século XX, é outro movimento que se percebe: a construção de um jornalismo de grandes tiragens, com a adoção de diversas práticas e processos, incluindo a sua modernização a partir das tecnologias do novo século que também invadem as redações (Barbosa, 2007).

Os publicistas tinham um público específico e bem delimitado, como mostra Tarde (2005), composto de poucos atores, pessoas letradas, funcionários públicos e comerciantes. As pautas sociais e políticas podiam assim ser carregadas de tons emotivos, factuais, profundos e abrangentes combinados com reflexões sobre a psiquê humana. Para Santos, essa atuação já era de certa forma uma faísca da origem do Jornalismo Literário.

O termo “jornalismo literário” remonta ao surgimento histórico da atividade jornalística como tal, quando designava o tipo de jornalismo opinativo e engajado que, no período das revoluções burguesas, tomou o lugar da mera publicação de avisos que dominava os periódicos até então (Santos, 2005, p. 3).

Ao contrário de Martinez, há pouco citada, é nesse contexto que consideramos uma espécie de gênese do Jornalismo Literário. Assim, o jornalismo literário pode ser definido como um gênero fronteiriço entre jornalismo e literatura.

Há quem seja arrebatado por esse gênero, que agrupa técnicas literárias às boas práticas jornalísticas para produzir textos informativos e cativantes. Verdade seja dita, há também quem o ache arte de escritores frustrados, que tiveram de ganhar a vida nas redações (Martinez, 2009, p. 72).

Martinez defende ainda que mais do que debater essa visão dicotômica, o real interesse daqueles que se debruçam sobre o Jornalismo Literário está em compreender as vantagens de um estilo que vai “da satisfação pessoal de quem o produz ao prazer de quem o lê” (Martinez, 2009, p. 72). Ela explica que não há consenso conceitual entre os principais estudiosos do gênero, mas que isso seria um ponto positivo, daí ela considerar o Jornalismo

Literário como um “gênero em expansão” (Martinez, 2009). Esta expressão é também uma espécie de convite aos estudosos do tema a refletir cada vez mais sobre o tema, diversificando e adensando sua própria conceituação.

2.1. Jornalismo literário no Brasil e novos paradigmas da profissão

O exemplo mais expressivo, segundo alguns autores (Meyer, 1998) para a inclusão da literatura nos jornais se deu, no Brasil, sobretudo, a partir de 1840, com a publicação dos primeiros folhetins, apresentados geralmente no rodapé da primeira página dos jornais⁸. A autora lembra como Justiniano José da Rocha, importante político e jornalista do segundo reinado, recepcionou a novidade literária nos periódicos brasileiros:

Abençoada invenção periódica; filho mimoso de brilhante imaginação, que trajas ricas galas, que te cobres de joias preciosas, tu, que distrais a virgem de seus melancólicos pensares, o jovem estudioso de seus cálculos dinheirosos, o despreocupado proprietário de seu descanso insípido, o ardente ambicioso de seus planos ilusórios, tu que fazes esquecer o trabalho ao pobre, tu que fazes esquecer o ócio ao rico, permite, oh, permite, duende da civilização moderna, que nosso proselitismo te procure sectários em o nosso Brasil que é digno de adorar-te!!! (Rocha *apud* Meyer, 1998, p. 120-121).

Se por um lado, o folhetim tinha como principal função o entretenimento dos leitores, o gênero também se destacava por seu caráter informativo e de atualização das temáticas mundanas daqueles tempos (Velloso, 1999). Os folhetins funcionavam como uma espécie de "verniz cultural" para as camadas populares. “Na sua escrita, o folhetim também jogava em mão dupla: era leve, divertido e descontraído, mas também sabia ser "caboclo", usando e abusando do tom impostado da oratória importada” (Velloso, 1999, s/p).⁹

Um dos primeiros e mais estudados exemplos do Jornalismo Literário no Brasil, é Euclides da Cunha. Para muitos estudosos, é dele o primeiro livro reportagem do Brasil, com *Os Sertões*, a partir da sua cobertura sobre a Guerra de Canudos para o jornal *O Estado de São Paulo*.

Pela primeira vez na imprensa brasileira “O Estado de São Paulo” utilizava a figura do correspondente para fazer cobertura “in loco”. Era uma novidade, “tratava-se de uma inovação nos métodos do jornalismo: a reportagem colhida ao vivo”. As matérias de guerra também demonstram a modernidade do trabalho de Euclides da Cunha uma vez que se apoiam em pesquisa, não se limitando à simples repetição dos

⁸ O primeiro jornal a publicar a novidade, que logo se espalharia pela imprensa, foi o *Jornal do Commercio* (Barbosa, 2010).

⁹ Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/xKXF3VJ9LcQZ69SRR4pwfqG/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

eventos. Ao invés de transcrever notas oficiais, buscam a verdade dos fatos, sempre experimentando um ângulo novo (Avighi, 1987, p. 22).

Euclides não foi o único repórter a ser enviado para Canudos. E nem de perto foi o que passou mais tempo “em campo”. Lelis Piedade, Favila Nunes, Manuel Benício, são exemplos de outros repórteres que também relataram o conflito entre sertanejos e as forças oficiais da nascente república para seus respectivos jornais. Mas *Os Sertões* construiu algo diferente. Cristiane Costa, que nos últimos anos tem se dedicado a uma pesquisa extensa e intensa sobre *Os Sertões* e sobre a vida de Euclides, explora em um artigo de 2023 como a questão racial aparece no livro-reportagem, dando ênfase no caráter de pioneirismo do autor na maneira de narrar a guerra:

Com o arsenal de que dispunha, Euclides da Cunha fez uma tentativa profundamente honesta de dar sentido a uma guerra sem sentido, analisando suas causas e consequências humanas, criando uma obra que deixou registrado o massacre dos habitantes de Canudos na História, ao contrário de outros combates e insurreições que foram esquecidos. Em sua época dominada pelo racismo científico, apoiou a Abolição e demonstrou amizade e admiração profunda por vários intelectuais negros e mestiços. (Costa; Gama, 2023, p. 112)

Euclides foi para a Bahia na comitiva do Ministro da Guerra, mas precisou parar em Salvador por um tempo antes de seguir para o sertão baiano. Chegou no arraial de Belo Monte, comunidade liderada pelo beato e místico Antônio Conselheiro, no dia 10 de setembro de 1897, ou seja, há poucas semanas do final da guerra que ocorreria em 5 de outubro daquele ano com a destruição do arraial (Galvão, 1976). Relatou o que estava vendo, mas fez inferências sobre a realidade do sertanejo e sobre o modo de vida de personagens específicos. O sucesso de *Os Sertões* não está apenas pelo relato da guerra, mas por ser um livro que traz uma interpretação sobre o Brasil. O livro de Euclides da Cunha, segundo Evaldo Pereira Lima, “penetra num território novo, podendo transcender o jornalismo — pelo menos na sua concepção conservadora —, gerar um novo campo, que os norte-americanos denominam literatura da realidade” (Lima, 2004, p.14). Esse olhar humano e intenso para os fatos reais é a inquietação por parte de alguns jornalistas que vão se destacar nessa área, como explicam Guzzo e Teixeira:

Alguns jornalistas, preocupados com o fato do jornalismo diário se tornar mera informação factual, sem se importar com a historicidade que o acontecimento traz consigo e as consequências na sociedade, buscam alternativas dentro de seu campo de estudo para evitar que o jornalismo caia na mesmice. Aproveitando recursos literários nas narrativas, os jornalistas fazem um trabalho árduo de investigação em torno do acontecimento, e conseguem transformar uma nota de jornal em uma

grande reportagem, com enfoque humano, criativo e especialmente intenso (Guzzo; Teixeira, 2008, p. 2).

Em sua tese de doutorado *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil — 1904-2004*, que posteriormente viraria um livro, Cristiane Costa (2005) sugere inicialmente uma divisão em 5 períodos cronológicos para falar desse diálogo, ainda não muito bem resolvido, entre literatura e jornalismo no Brasil¹⁰. Destas fases propostas por Costa (2005), vamos no deter na segunda e na quarta.

A segunda engloba o recorte temporal de 1840 a 1910, que, de acordo com a autora, narra a transição entre o “reinado do publicista e a república dos homens de letras”. Os homens de letras seriam essencialmente escritores e romancistas de destaque daquele tempo, muitos deles hoje consagrados como expoentes da literatura nacional (José de Alencar, Machado de Assis, Olavo Bilac, Coelho Neto, Lima Barreto e João do Rio) e que tinham o “ser jornalista” como a atuação secundária. João do Rio, aliás, pseudônimo de Paulo Barreto, também é lembrado pelos pesquisadores como um importante personagem do gênero, dando voz a pessoas comuns, personagens banais que se tornaram heróis nas suas histórias. O seu trabalho mais expressivo no que diz respeito a relação jornalismo e literatura está no livro “A alma encantadora das ruas”, já que nesta obra “o jornalista registra a fenomenal transformação que a então capital brasileira vivenciava” (Martinez, 2009, p. 77).

A quarta etapa na cronologia proposta por Costa, corresponde ao período entre 1960 e 1980, quando houve “um boom, com o crescimento considerável da ficção feita por jornalistas no Brasil.” (Costa, 2005, p. 5). Nesse período, a passagem pelo jornal continuava a ser quase obrigatória para aqueles que desejavam trilhar a carreira de escritor, sobretudo no Rio de Janeiro, que já vivia a transição de capital da república com a transferência do centro de poder para Brasília, mas ainda era a capital cultural do país. Entretanto, esse é o período no qual se consolida o que estamos denominando “jornalismo convencional” (caracterizado pela construção do ideal de objetividade e neutralidade e, sobretudo, pela autonomização do campo jornalístico). Marialva Barbosa considera que este momento marcava a chegada de uma imprensa que buscava se diferenciar explicitamente da literatura como forma de ganhar legitimidade ao se instituir como narradora efetiva de uma realidade.

¹⁰ A primeira fase vai de 1808 a 1830, período que contempla as primeiras publicações brasileiras de jornais e livros. A segunda etapa vai de 1840 a 1910, e é chamada de fase de passagem do reinado do publicista para a república dos homens de letras. O terceiro período é a era da modernização, marcada entre 1920 e 1950, que traz nomes como Graciliano Ramos e Monteiro Lobato. Na quarta fase, delimitada entre 1960 e 1980, Costa vai apontar para um crescimento considerável da ficção feita por jornalistas no Brasil, com Carlos Heitor Cony, João Antônio, José Louzeiro, Otto Lara Resende, entre outros. O último período vai de 1980 a março de 2004 e mostra um afastamento dos escritores que trabalham em jornal das editorias chamadas “hard news” e uma aproximação de cadernos de cultura.

O que se procura construir naquele momento é a autonomização do campo jornalístico em relação ao literário, fundamental para a auto construção da legitimidade da própria profissão. Assim, as reformas dos jornais da década de 1950 devem ser lidas como o momento de construção pelos próprios profissionais do marco fundamental para espelhar o mundo. Mítica da objetividade imposta pelos padrões redacionais e editoriais, é fundamental para dar ao campo lugar autonomia e reconhecimento, construindo o jornalismo como a única atividade capaz de decifrar o mundo para o leitor (Barbosa, 2007, p. 150).

Se o jornalismo busca se consolidar como salvaguarda da sociedade, que preza pela busca incessante da verdade dos fatos, ele precisa ser o mais direto e objetivo possível — direcionando a mensagem para uma sociedade que cresce e se acelera cada vez mais. Nessa concepção, os parâmetros do jornalismo deveriam se desvincilar o máximo possível de referências e emblemas ficcionais.

Um dos construtores dessas transformações no jornalismo brasileiro é o jornal *Diário Carioca*, criado em 1928 por José Eduardo Macedo Soares. Ao longo de sua história, de quase 40 anos de circulação, o *Diário Carioca* é bom exemplo de mescla das modalidades e das definições de padrões e referências estrangeiras que se popularizaram na profissionalização do jornalismo brasileiro. Ainda que em seu início, as influências sejam, sobretudo, do jornalismo francês de finais do século XIX (de onde vem o estilo mais “literário” na construção do texto, próprio dos folhetins, ou também com o uso do chamado “nariz de cera”, quando há um embelezamento estético, pouco informativo, antes de trazer a informação principal da notícia), o *Diário* mudaria seus textos, sob a influência do jornalismo norte-americano que se tornaria predominante, com a implantação do chamado “lide”¹¹, direto, com notícias marcadas pelo padrão da objetividade. Um dos principais nomes dessa reforma no jornal era Pompeu de Souza, que havia passado um tempo nos Estados Unidos e quando retornou apresentou as inovações técnicas à direção do jornal (Ribeiro, 2000). Além desta novidade, há diversos outros processos que foram implantados neste período, entre eles os manuais de redação.

O manual de redação foi lançado em março de 1950, mas já na edição de 1º de janeiro, o *Diário Carioca* anuncia novos tempos para o seu jornalismo. Um caderno especial, com muitas fotos, foi publicado, falando sobre a mudança de sede (que seria transferida para a Av. Getúlio Vargas, na Praça Onze), sobre a compra de novos equipamentos e sobre a adoção de inovações técnicas e redacionais (Ribeiro, 2000, p. 112).

¹¹ No jargão jornalístico denomina-se lide ao texto sintético que deve abrir as matérias de cunho informativo, contendo as chamadas cinco perguntas de referência: o que, quando, onde, como, porque (e para que). É o primeiro parágrafo da notícia que condensaria o que o jornalista, em função da linha editorial do jornal, considera o mais importante. O segundo parágrafo é o “sub-lide”.

Aliás, foi o *Diário Carioca* o jornal que inaugurou o uso do lide ou *lead* no país e que utilizou pela primeira vez um corpo de copidesques em sua redação. Um dos marcos dessa transição, considerado à época como revolucionária, foi a manchete, de outubro de 1945, "Sai Dutra entra Góes": dois verbos, dois nomes e a comunicação da informação principal, que Eurico Gaspar Dutra deixava o cargo de Ministro da Guerra (atual Ministério da Defesa) para concorrer às eleições presidenciais, enquanto o general Góes Monteiro assumia seu lugar no Ministério da Guerra (Ribeiro, 2000). Nada mais informativo e direto do que isso. A influência norte-americana também seria revelada na própria nomenclatura que passaria a compor o repertório do "fazer jornalístico", com palavras como *lead* (lide), copidesque, copyright e deadline. "O *lead* — que durante muito tempo foi um dogma para os jornalistas e como tal ensinado nas faculdades de comunicação — foi uma inovação combatida por alguns setores da "velha guarda" (Ribeiro, 2000, p. 115).

Essas mudanças provocaram reação dos jornalistas mais conservadores. Um desses personagens da "velha-guarda" da imprensa era Nelson Rodrigues. Aqueles que produziam esse modelo de jornalismo mais industrial, o dramaturgo apelidava de "idiotas da objetividade" e Pompeu de Souza de "o pai dos idiotas da objetividade" (Ribeiro, 2000). De certa forma, o dramaturgo foi um visionário no sentido de prever que esse engessamento do jornalismo convencional poderia se refletir nos anseios do próprio público, ao provocar uma alienação noticiosa combinada à ânsia por um jornalismo diferenciado e mais humanizado.

2.2. Novo Jornalismo

Curiosamente, enquanto os "idiotas da objetividade" assumiam o *mainstream* no jornalismo do Brasil, nascia nos Estados Unidos, uma espécie de reação a essa tendência engessada. O movimento do *New Journalism*, ou Novo Jornalismo, seria uma das grandes referências do Jornalismo Literário, construindo com tintas mais específicas uma real categorização do gênero.

Segundo Seibt (2013) a técnica do *New Journalism* busca, através de uma descrição pormenorizada, quase etnográfica, e de perfis cuja construção beira o gênero literário, levar o leitor a uma perspectiva diferente, transportando-o a novos pontos de vista e experiências, e, dessa forma, "sentir" de forma mais relevante problemas econômicos e sociais retratados nas reportagens. Ainda assim, o Novo Jornalismo não passaria de uma atualização do Jornalismo Literário, como defende Martinez:

Há uma tendência de se empregar terminologias, como Novo Jornalismo, como se fossem deslocadas desse movimento, embora a autora deste artigo entenda que se trata de uma fase do Jornalismo Literário, provavelmente a que teve maior repercussão midiática, ligada aos anos 1960-1970, em particular nos Estados Unidos por meio de nomes como Norman Mailer (1923-2007), Gay Talese e Tom Wolfe, entre outros (Martinez, 2017, p. 25).

Prova disso, é que algumas produções acadêmicas colocam *New Journalism* e Jornalismo Literário como sinônimos. Mas de fato, não querem dizer a mesma coisa, ou, ao menos, constituem dimensões diferentes. Jornalismo Literário, assim, seria o grande uma subárea de pesquisa dos Estudos de Jornalismo, incluindo entre suas temáticas reflexivas, por exemplo, o próprio Novo Jornalismo Literário, no cenário norte-americano, ou no caso brasileiro, a qualificação de *piauí* como uma publicação do gênero. Assim, a reflexão de Martinez que entende esse movimento como uma fase importante da história do Jornalismo Literário, que teve grande repercussão midiática global, e não como um gênero paralelo que se desenvolveu, é bastante pertinente. O jornalista norte-americano Tom Wolfe, que talvez seja quem melhor personifique o movimento, desenvolveu quatro recursos que seriam pilares do chamado *New Journalism*. O primeiro é a “construção cena a cena”, detalhada, para que o leitor pudesse visualizar e imaginar, quase que se transportando para o cenário do relato. A segunda é dar uma atenção minuciosa aos diálogos. “O diálogo realista envolve o leitor mais completamente do que qualquer outro recurso. Ele também estabelece e define o personagem mais depressa e com mais eficiência do que qualquer outro recurso” (Wolfe, 2005, p. 54).

Os últimos recursos referem-se a dar protagonismo ao personagem na reportagem, deixando-o quase substituir o repórter (o que gera empatia e envolvimento do próprio leitor) e, por fim, estabelecer uma contextualização ampla e pormenorizada dos fatos (o registro dos pequenos detalhes, que o jornalismo convencional eventualmente não valoriza).

Além de Wolfe, outro representante importante do *New Journalism* seria Gay Talese. Referência obrigatória além do seu nome é a clássica reportagem que produziu, “Frank Sinatra está resfriado”, um perfil construído sem que se entrevistasse o cantor norte-americano.

Sinatra resfriado é Picasso sem tinta, Ferrari sem combustível — só que pior. Porque um resfriado comum despoja Sintra de uma joia que não dá para pôr no seguro — a voz dele —, mina as bases de sua confiança, e afeta não apenas seu estado psicológico, mas parece provocar também duma espécie de contaminação psicossomática que alcança dezenas de pessoas que trabalham para ele, bebem com ele, gostam dele, pessoas cujo bem-estar e estabilidade dependem dele. (Talese, 2004, p. 258)

Outro exemplo frequentemente referido é Truman Capote, com o best-seller *A Sangue Frio*, texto em que mergulha na investigação da história de um crime cometido em uma cidade do Kansas, em 1959. O envolvimento do repórter foi tão intenso a ponto de criar uma relação de afeto com um dos assassinos. As revistas *The New Yorker* e *Esquire* são referências no gênero, onde muitos desses autores publicavam com frequência. A onda norte-americana teve suas repercuções no Brasil. Aliás, foi nos anos 1960 que nasceu um dos maiores exemplos do Jornalismo Literário brasileiro do século XX, a revista *Realidade*.

O período áureo da revista *Realidade* é de 1966, quando nasce, a 1968, quando em 15 de novembro (*sic*)¹² é promulgado o Ato Institucional no. 5. Apesar de outros fatos que podem ter contribuído para o fim da revista em 1976, como a criação da revista *Veja* pela Editora Abril e a mudança de direção da revista imposta por Roberto Civita, parece inegável que, sem liberdade de imprensa não é possível fazer reportagens com a profundidade e amplitude social como *Realidade* fazia (Martinez, 2009, p. 79).

Como pontuou a autora, o período de existência da *Realidade* foi curto. Mas merece ainda referência o *Jornal da Tarde* em algumas de suas matérias de cunho literário. Apesar desses dois serem os principais veículos do gênero, não quer dizer que os outros repórteres não praticavam e se utilizavam de técnicas do Jornalismo Literário. Antes mesmo da fundação da revista *Realidade* temos o exemplo do jornalista Joel da Silveira, que já nos 1940, como repórter da revista *Diretrizes*, dirigida por Samuel Wainer, se destacou sobretudo após a reportagem “Grã-finos em São Paulo”, “cujo tom irônico e permeado de deboche rendeu a seu autor o apelido de *vibora*” (Correia, 2022).

2.3. Jornalismo Literário Avançado (JLA)

Já foi aqui marcado que, em consonância à Martinez, o Jornalismo Literário é um “gênero em expansão”, e que por isso estaria suscetível a se transformar. Vimos que o *New Journalism* seria um gênero parte deste processo transformador, quando a referência é ao subcampo de estudos de jornalismo que é denominado Jornalismo Literário. Assim, considerando que as transformações são sempre processuais e identificada com os padrões históricos de cada tempo e lugar, a partir do século XXI, um novo Jornalismo Literário acabaria por aparecer. É o que Edvaldo Pereira Lima denomina Jornalismo Literário Avançado (JLA).

¹² O AI 5 é de 13 de dezembro de 1968.

Consiste numa atitude proativa de renovação do Jornalismo Literário, apoiada pela tradição armazenada dessa prática jornalística, bem como pelo saber acadêmico reunido ao longo do tempo, no país e no exterior, de um lado; pela compreensão de que a modalidade é dinâmica, tendo potencial intrínseco para adaptar-se a novas condições contextuais, à medida que a sociedade se transforma, impulsionada por avanços tecnológicos, mudanças de paradigmas e ascensão de novos valores, de outro lado (Lima, 2013, p. 68).

Para os argumentos deste trabalho, dentre as observações de Lima acerca do Jornalismo Literário Avançado, que a partir de agora será chamado de JLA, duas merecem destaque: a primeira, é que o JLA busca antecipar possibilidades a partir de realidades abordadas. Ou seja, para além dos recursos de “voz aos personagens” e “mobilização de aspectos emocionais”, no JLA há a percepção da função do repórter, em meio aos dados e investigações, como aquele que descortina possibilidades entre caminhos possíveis, muitas vezes com abordagens transdisciplinares, geralmente atrelados à realidade que, de maneira menos convencional, procura-se analisar. Assim, o JLA:

Transcende o plano meramente social das atuações externas dos personagens. Mergulha no universo interno onde transcorre uma história igualmente dramática e para a qual o escritor da vida real abre suas comportas de percepção, localizando o enredo e o tema em desenvolvimento interativo pelos níveis integrados de realidade. Este é o escopo inicial do Jornalismo Literário Avançado. Sua proposta de vanguarda não é apenas teórica especulativa. Ao contrário, tem forte conotação prática, pois avanços efetivos já foram conquistados no Brasil com a incorporação de instrumentos aplicados que ajudam a transformar a teoria em prática (Lima, 2013, p. 77).

A segunda observação que guiará as análises desse trabalho faz referência a capacidade do JLA de mobilizar de forma intencional o *conhecimento acumulado*, incluindo aqui os avanços tecnológicos e novidades acerca da relação do homem com estes recursos. Assim, cada abordagem proposta do JLA expande de forma deliberada as fronteiras do objeto para situá-lo em meio às transformações da história, da sociologia, da filosofia, das ciências naturais e, obviamente, das tecnologias, como, por exemplo, mais recentemente a Inteligência Artificial.

2.3.1. *piauí*: Jornalismo Literário Avançado?

Talvez a maior expressão contemporânea de Jornalismo Literário Avançado no Brasil, teria surgido, em outubro de 2006, durante a Feira Literária Internacional de Paraty, a FLIP, com o nascimento da Revista *piauí*, hoje o periódico de referência quando se discute a

categoria de Jornalismo Literário. A *piauí* (que é escrita com P minúsculo) se define como uma “revista mensal para quem gosta de ler” (Manual de Redação, 2022)¹³.

A revista nasce da constatação do idealizador, o cineasta João Moreira Salles, com a ajuda de alguns amigos, de que não havia no Brasil nenhuma publicação que reunisse tudo o que gostava de ler: bons textos de ficção, reportagens com abordagem e temas variados, quadinhos, entre outros, que se materializaram com a criação do veículo (Valentini; Ijuim, 2010, p. 76).

A relação do JLA com a Revista *piauí* é um dos pontos centrais desta monografia e será ampliado e explorado nos próximos capítulos. Por ora, mostramos, de maneira sintética, de que maneira a *piauí* atende aos pré-requisitos do JLA. Monica Martinez reforça que a essência do Jornalismo Literário reside não em fórmulas, mas justamente numa criatividade autoral do repórter. Por isso, o Jornalismo Literário não consegue se sustentar em regras imutáveis pois depende sempre da capacidade criativa e intelectual do autor. Como explica Mark Kramer, o Jornalismo Literário se atrela a *breakable rules*, ou “regras quebráveis”.

As “regras” de harmonia ensinadas nas aulas de composição refletem os hábitos dos compositores. Mas, por mais precisas que sejam representadas, as regras para fazer arte serão certamente ampliadas e reinventadas continuamente. (...) Dar sentido ao que está acontecendo – escrever com humanidade, equilíbrio e relevância – é uma meta sedutora, acessível e inalcançável (Kramer, 1995, s/p)¹⁴.

Nesse caso, o autor norte-americano compara a arte do improviso de um músico, por exemplo, com a arte da reinvenção estimulada constantemente no jornalista literário. Um solista de jazz não pode se ater a partituras num momento de improviso. A partir do tom da música, ele tira as próprias interpretações no calor da hora. Da mesma forma que um repórter literário não pode se prender a estruturas redacionais amarradas e pré-definidas. “A verdade está nos detalhes da vida real”¹⁵ (Kramer, 1995, s/p). O JLA além de se orientar pelas *breakable rules* ou regras quebráveis, traz um diferencial: o exercício constante e contínuo de adequação e adaptação de acordo com os cenários em que o texto é produzido e de quando será lido pelo leitor, tudo isso é levado em consideração na hora da criação da reportagem. Nas palavras do criador, João Moreira Salles: “a graça da *piauí* é que ela é quase inventada do zero a cada número” (Salles, 2015).

¹³ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/piaui-lanca-manual-de-redacao/>. Acesso em: 2 nov. 2024.

¹⁴ No original: “The ‘rules’ of harmony taught in composition classes mirror composers’ habits. But however accurately represented, rules for making art will surely be stretched and reinvented again and again. (...) Even so, making sense of what’s happening – writing with humanity, poise, and relevance – is a beguiling, approachable, unreachable goal”. Disponível em: <https://niemanstoryboard.org/1995/01/01/breakable-rules-for-literary-journalists/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

¹⁵ No original: “Truth is in the details of real lives” (Tradução livre).

Como dito anteriormente, a revista *piauí* apresenta uma forma incomum de narrar os fatos. Com bom humor, ironia e de forma despretensiosa, a realidade brasileira é abordada através de artigos, quadrinhos, ilustrações, contos, por exemplo. O perfil editorial é centrado na singularidade. Não existe apenas um tema a ser abordado. Seu conteúdo se alicerça na diversidade espelhada no que é o Brasil: múltiplo (Baltazar, 2017, p. 2849).

O que o *piauí* faz é JLA na medida em que busca conscientemente apoiar-se nessas *breakable rules* e na capacidade de reinvenção dos repórteres a cada matéria.

A partir dessa afirmação, parece possível afirmarmos que a *piauí* não opera com fórmulas ou padrões que acelerem a produção do texto jornalístico para acompanhar a rapidez dos fatos. Ao contrário, seus colaboradores usufruem de liberdade de tempo para poderem elaborar reportagens de maior fôlego nas quais podem usar recursos narrativos e linguísticos mais elaborados e, por vezes, mais sofisticados. Contam, também, com a autonomia para sugerir pautas. Essas e outras “liberdades” não são encontradas no jornalismo impresso tradicional (Silva; Guimarães, 2020, p. 129).

Em seu artigo que explora o conceito das “regras quebráveis” do Jornalismo Literário, Kramer faz uma pergunta: “Por que esta união de fatos detalhados, narrativas e vozes íntimas aumentou tão notavelmente neste século?”¹⁶ O artigo é de 1995, portanto o século ao qual se refere é o XX, mas me parece atual e condizente com o século XXI. E a resposta pode surgir do questionamento central da monografia, pois foi a partir de um cenário complexo, imprevisível, inédito e nocivo, que a *piauí* precisou se inovar para continuar utilizando as estratégias literárias do Jornalismo Literário, como, por exemplo, o fato de unir “fatos frios e acontecimentos pessoas, na companhia humana do autor” (Kramer, 1995, s/p).

O jornalismo literário ajuda a resolver a nova complexidade. Se não é um antídoto para a perplexidade, pelo menos une as experiências cotidianas – inclusive as emocionais – com a enorme abundância de informações que podem ser aplicadas à experiência. O jornalismo literário une fatos frios e acontecimentos pessoais, na companhia humana do autor. E isso amplia a visão dos leitores, permite-lhes contemplar a vida de outras pessoas, muitas vezes situada em contextos muito mais claros do que podemos trazer para o nosso. O processo move leitores e escritores em direção à realização, à compaixão e, no melhor dos casos, à sabedoria¹⁷ (Kramer, 1995, s/p)¹⁸.

¹⁶ No original: “*Why has this union of detailed fact, narratives, and intimate voice risen so remarkably in this century?*”.

¹⁷ No original: “*Literary journalism helps sort out the new complexity. If it is not an antidote to bewilderment, at least it unites daily experiences – including emotional ones – with the wild plentitude of information that can be applied to experience. Literary journalism couples cold fact and personal event, in the author’s humane company. And that broadens readers’ scans, allows them to behold others’ lives, often set within far clearer contexts than we can bring to our own. The process moves readers, and writers, toward realization, compassion, and in the best of cases, wisdom*”

¹⁸ Disponível em: <https://niemanstoryboard.org/1995/01/01/breakable-rules-for-literary-journalists/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

Com a pandemia da Covid-19 no ano de 2020, a *piauí* criou uma seção dedicada a trazer matérias relacionadas à crise gerada pelo vírus. Não poderiam ser aceleradas nem urgentes — pois a *piauí* continuou com a periodicidade mensal e, propositalmente, não acompanhando a velocidade com que as notícias mudavam e chegavam até as pessoas. Mas precisavam falar sobre dores e angústias, desafiar e enfrentar as fake news, denunciar negligências governamentais e, acima de tudo, anunciar cenários possíveis. O jornalismo precisou se adaptar e, sem muito tempo, se transformar enquanto se produzia. Até porque, assim como os médicos, entre outras profissões, o jornalismo também não parou (e não pode parar) desde o primeiro dia de decreto da quarentena.

É o que será visto no próximo capítulo.

3. Jornalismo na pandemia da Covid-19: fonte de informação

No dia 17 de março de 2020 o Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão, principal noticiário televisivo do país, anunciava: “a primeira morte provocada pela Covid-19 é de um paciente de São Paulo que não tinha viajado para o exterior”¹⁹. O Brasil registrava, depois de alguns meses de uma expectativa angustiante diante do que já acontecia em outras partes do mundo, a primeira morte ocasionada por coronavírus: um idoso de 62 anos. Ainda assim, naquela altura, muitas cidades brasileiras já haviam decretado o *lockdown* como medida sanitária obrigatória. As aulas nas escolas já haviam sido suspensas e eventos oficiais foram adiados, sem previsão de quando poderiam ser realizados. A manchete do portal de notícias G1, cinco dias antes, no dia 13, proclamara que “Redes pública e privada de ensino param na segunda-feira. Decretos proíbem eventos esportivos, shows e atividades em cinemas, teatros e museus por pelo menos 15 dias”²⁰, em referência às medidas de Marcelo Crivella, o então prefeito do Rio.

Mas seria a partir daquele dia 17 de março que, de uma forma impactante e incontornável, aquilo que muitos acreditavam ser apenas mais um novo vírus a provocar manchetes isoladas, se transformava num trauma, interferindo na realidade do país de uma maneira completamente nova, com dimensões inéditas. A partir daquele dia, foi confirmado que a Covid-19 se tornava um problema nacional.

A cronologia dos principais acontecimentos relacionados à pandemia ainda é um passado muito recente para os brasileiros — os debates médicos, as demissões seguidas de Ministros da Saúde, as declarações polêmicas de Jair Bolsonaro, a torcida pela cura e a chegada das vacinas. Também está fresca na memória a linha do tempo pessoal de cada pessoa — os aniversários por videochamada, as ligações com parentes e amigos, as músicas na janela, a saudade e a distância, e todas as adequações sociais sob a égide do coronavírus. Segundo o professor Márcio Tavares d’Amaral, era como se a vida fosse coordenada pelo temor da morte.

Sempre o dia de amanhã pôde não chegar. Mas seria um acidente. Naturalmente, envelheceríamos. Agora não mais. “Naturalmente”, quer dizer, vinda da natureza, a morte está a um dia de distância. A minutos. Para evitá-la, lavamos as mãos, passamos álcool, andamos de luvas e máscaras, de preferência não saímos de casa. Porque é grande a possibilidade de não conseguirmos envelhecer. A morte ficou muito próxima. Vivemos agora um medo por proximidade. Por quanto tempo? E

¹⁹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8407649/>. Acesso em: 2 nov. 2024.

²⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/ri/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/13/crivella-publica-decreto-contra-coronavirus-que-pode-restringir-entrada-e-saida-do-rio.ghtml>. Acesso em: 25 out. 2024.

fará o quê conosco, quando isso terminar, termos vivido um tempo assim? (Amaral, 2021, p. 21).

E a maestrina dessa vida coordenada pelo temor ao vírus e pela necessidade constante de proteção era, em certa medida, a imprensa. Eram os jornais que ditavam para a maioria das pessoas o que se podia ou não se podia fazer — e principalmente como fazer. Os cuidados com a higiene, lavar de mãos, a preocupação com a compra de álcool gel e os temores com o desaparecimento (ou com a inflação) das máscaras faciais de proteção nas farmácias, e principalmente, a compreensão da dimensão da crise, com o número de mortos e infectados, deu aos veículos de imprensa papel decisivo de trazer à luz um cenário para todos desconhecido. Soma-se a isso a preocupação em garantir que os dados estatísticos fossem fidedignos e que não estivessem sob a influência de interesses políticos do então governo de Jair Bolsonaro (2018-2023), que na famosa declaração em rede nacional no dia 20 de março, afirmara que tudo não passaria de uma “gripezinha”²¹.

O jornalista passou a fazer parte daquele rol de cargos que não podiam parar suas atividades, ao lado de profissionais de saúde, funcionários de farmácias e dos transportes público, entre outros.

Justamente, por isso, a profissão precisou se adaptar às novas condições na tentativa de reduzir ao máximo o risco de contaminação dos jornalistas. Houve diversas mudanças nas rotinas produtivas e no *modus operandi* jornalístico. Thomé *et al.*, em seu artigo que analisa especificamente a cobertura jornalística do RJTV, um dos mais famosos telejornais locais do país, destaca a implantação da opção home office para alguns repórteres, a utilização de um microfone extra para o entrevistado, o uso de máscaras pelos repórteres durante a cobertura ao vivo em externas (Thomé; Silva; Reis; Andrade, 2021). Em veículos televisivos o desafio era ainda maior por ser imprescindível a exposição do repórter. Em redações de jornais e revistas impressas a prática do home office era uma atitude emergencial mais viável e contornável. Thaïs de Mendonça Jorge relata uma experiência vivida por uma jornalista de um jornal impresso de Brasília, naqueles meses iniciais de pandemia:

Os dirigentes tomaram a decisão de manter apenas 25% do pessoal trabalhando presencialmente, enquanto 75% foram enviados ao teletrabalho. ‘Não sabíamos o que fazer, tivemos que aprender na marra’, confessa a Entrevistada 5), (...) relacionando as primeiras providências: criação de um grupo de emergência no WhatsApp, distribuição de placas de alerta por todo o veículo, estabelecimento de

²¹Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/blog/gerson-camarotti/post/2020/03/20/em-meio-a-pandemia-de-coronavirus-bolsonaro-diz-que-gripezinha-nao-vai-derruba-lo.ghtml>. Acesso em: 6 nov. 2024.

regras de convívio e prevenção contra as notícias falsas. Integrante da equipe de direção, ela acha que ‘a empresa se posicionou de forma assertiva desde o início, buscou a consultoria da Universidade de Brasília’ e foi dos primeiros a criar um selo para melhor organizar a cobertura especial da pandemia (Jorge, 2022, p. 5-11).

Dessa forma, “aprendendo na marra”, os jornalistas além de ficarem mais expostos à contaminação, carregavam a responsabilidade de serem porta-voz para a população sobre as notícias e as novidades que chegavam sobre o coronavírus.

Com a mediatização do vírus na linha da frente, os jornalistas profissionais puseram em risco a sua segurança pessoal. O seu trabalho colocou-os, em muitos casos, em contacto direto com o coronavírus. Esta situação envolve tanto o perigo físico, decorrente da possibilidade de uma eventual infecção, como contribuiu para o risco psicológico, já que diariamente se confrontavam com as consequências da pandemia (Casero-Ripollés, 2021, p. 60).

Coerentemente, alguns levantamentos realizados em 2020, tanto regional como nacionalmente, confirmaram que houve aumento expressivo no consumo de informações e notícias nesse período por parte das pessoas. As incertezas e as preocupações acompanharam a rotina de todos, sobretudo ao longo do primeiro ano da pandemia, quando ainda não se tinha tanto conhecimento sobre a doença e os números de mortes e de infectados aumentavam em grande escala e não havia expectativa da chegada de vacinas. A busca por informação era uma necessidade de sobrevivência e também uma forma de reduzir a ansiedade e poder adaptar-se a esta situação complexa (Casero-Ripollés, 2021).

Uma pesquisa realizada pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)²² mostrou que 75% das pessoas buscavam notícias sobre o coronavírus todos os dias no mês de abril de 2020. O curioso é que, apesar de todas as possibilidades de fontes de notícias que a internet e as redes sociais oferecem, a mesma pesquisa apontou que 73% das pessoas se voltavam para as notícias televisivas como principal fonte de informação, o que pode ser explicado pelo sentimento de desconfiança gerado por conteúdos difundidos nas redes sociais e por fontes alternativas na internet. Nesse sentido, os veículos e os métodos tradicionais de se produzir notícias ganham mais credibilidade. Um levantamento da Global Overview Report²³, realizado pela organização *Kepios*, que faz uma análise anual de dados relacionados ao consumo digital e de internet em países do mundo, mostrou que 84% dos brasileiros, em 2020, expressavam preocupação e desconfiança quanto se tratava do que é real ou fake na internet.

²² Disponível em: https://www.ufes.br/sites/default/files/anexo/comunicacao_coronavirus-ufes.pdf. Acesso em: 12 ago. 2024.

²³ Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2021-brazil>. Acesso em: 20 ago. 2024.

3.1. Desinformação: a guerra contra as fake news

Para além da mera transmissão de informações, o papel do jornalista ganhou contornos ainda mais relevantes diante da emergência de um inimigo voraz: a desinformação, expressa nas chamadas fake news, como pontuou Gislane Teixeira:

A atuação dos jornalistas na cobertura da Covid-19, demonstrou-se essencial para a conscientização da população sobre um vírus letal e para o esclarecimento dos fatos, como porta-voz dos pesquisadores e cientistas. Devido ao grande número de informações que chegam ao conhecimento do público gerando dúvidas e desconfianças, os profissionais da comunicação buscam incansavelmente apurar e averiguar as exauridas de informações e transmitir, de forma segura, informações precisas e corretas sobre os acontecimentos (Teixeira, 2022, s/p)²⁴.

Para tornar a situação ainda mais grave, havia atrasos na divulgação dos dados oficiais da Covid. Na gestão do primeiro Ministro da Saúde da pandemia, Luiz Henrique Mandetta, o boletim com os dados de infectados e número de mortos era sempre divulgado às 17h. Em menos de 2 meses, já com o general Eduardo Pazuello à frente do cargo, o relatório passou a ser divulgado às 22h, depois que as principais emissoras já tinham exibido seus telejornais.

Para contornar a situação, organiza-se em junho o Consórcio de Imprensa envolvendo importantes empresas do jornalismo brasileiro. Um pool composto pelo portal *GI* do Grupo Globo, além dos jornais *O Globo*, *Extra* do mesmo grupo e o grupo do *O Estado de S. Paulo* e *da Folha de S. Paulo*. O pool contava ainda com o canal de notícias *UOL*. Havia a consciência de que, em meio à avalanche de notícias veiculadas pelas redes sociais e pelo WhatsApp, principalmente por parte pessoas que viam nessas redes maneiras de diminuir a dor do isolamento (e enxergavam o que recebiam de amigos e familiares uma verdade incontestável) o jornalismo tentava resgatar o seu lugar simbólico de produção de *verdade jornalística* (Barbosa; Andrade; Cony, 2022).

Os números da pandemia tornam-se capital político e simbólico do jornalismo quando vivia (e vive) uma de suas maiores crises de confiabilidade em função de um complexo contexto em que se destaca o valor positivo das crenças cegas, como já enfatizamos anteriormente. Neste cenário, em que a mentira ou as “verdades alternativas” se estabelecem em lugar da verdade, observa-se a implosão da política de verdade. Assim, o jornalismo que tinha se projetado como fala credível, perdeu de maneira veloz este posto (Barbosa; Andrade; Cony, 2022, p. 198).

Era um período em que a imprensa brasileira vivia uma dicotomia: elevada à importância de serviço fundamental, requerida cada vez mais era, ironicamente, constantemente descredibilizada. No livro de Matthew D'Ancona, Pós verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos fake news, a hipótese central é que o fenômeno das fake news

²⁴ Disponível em: <https://www2.ufrb.edu.br/reverso/a-importancia-da-atuacao-dos-jornalistas-na-pandemia/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

assume papel de força decisiva a partir de dois eventos políticos que marcaram o ano de 2016: o *Brexit* (a saída do Reino Unido da União Europeia) e a eleição de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos. Para ele, a polarização provocada por esses dois acontecimentos fez com que parte da população divulgasse a imprensa como “inimiga” justamente por se colocar contra “os interesses reais da nação”. Na pandemia, esse comportamento por parte daqueles que viam os jornais como alarmantes ou difusores do caos, foi catapultado.

As incertezas sobre como lidar com o vírus fizeram da pandemia um momento ainda mais propício à disseminação de notícias falsas, parcialmente falsas ou retiradas de contexto, sobre diversos assuntos ligados ao vírus. Com isso, vimos que, ao tempo em que o vírus se manifestava, a desinformação crescia (Coutinho; Oliveira, 2022, p. 2).

Portanto, a ideia do consórcio era juntar esforços para uma ação colaborativa de contagem e coleta de números da pandemia, diretamente das Secretarias Estaduais de Saúde, saindo da dependência em relação ao Ministério da Saúde à época comandado por Eduardo Pazuello. Na visão de Barbosa *et al.*, o consórcio representou:

Um momento singular da história do jornalismo no Brasil e abre janelas múltiplas de reflexão sobre o que está envolvido na ação de criar um consórcio de mídia para construir, através da fala jornalística, os números que passam a serem os oficiais da pandemia no país (Barbosa; Andrade; Cony, 2022, p. 196).

Ainda que de grande repercussão e de um aparente ineditismo, a formação de uma ação colaborativa pela imprensa ou por profissionais da comunicação já tinha sido uma prática vivenciada em anos passados, em meio a outra pandemia histórica. No contexto da Gripe Espanhola, em 1918, também houve uma união dos principais jornais brasileiros²⁵ para averiguar junto aos órgãos de estado.

Recuando um pouco no tempo, encontra-se ação mais próxima do que foi o consórcio de mídia de 2020, exatamente no período da pandemia que transformou o Rio de Janeiro, no dizer dos jornais da época, ‘num vasto hospital’ (*Gazeta de Notícias*, 15 dez. 1918, p. 1): a influenza de 1918, pejorativamente chamada de ‘espanhola’. Diante da falta de informações oficiais da então Diretoria de Saúde Pública, os jornais diários passaram a apurar o número de sepultamentos em cada cemitério da cidade e junto às delegacias policiais para estamparem na primeira página das publicações (Barbosa; Andrade; Cony, 2022, p. 197).

²⁵ Como curiosidade, é possível resgatar um exemplo ainda mais antigo na Europa, à luz da era dos publicistas, aqui já contextualizada anteriormente, que é visto no do livro “Diário do ano da peste”, publicado em 1722, de Daniel Defoe, também já citado neste trabalho. O livro é uma obra ficional que se passa em uma Londres dos anos 1660, época em que a cidade sofria a chamada Grande Peste, uma epidemia de peste bubônica. Defoe era criança ainda na época da peste, mas com sua habilidade jornalística pode reconstruir no livro o que se passava na cidade naqueles anos iniciais da epidemia somando relatos que colheu daqueles que a vivenciaram. O narrador mostra uma atitude proativa da imprensa local em coletar junto às secretarias e às paróquias das vilas os números de infectados e mortos para alertar a população.

Esse seria um exemplo do que Caseiro-Ripollés vai chamar de “empenho social” do jornalismo, fenômeno explicitado na atuação do Consórcio de Imprensa da pandemia da Covid-19:

Este grave risco para a saúde na cobertura mediática sobre a covid-19 sublinhou o elevado empenho social dos jornalistas. Perante uma situação potencialmente perigosa e complexa, deram prioridade aos valores do serviço público e da ética profissional para permitir aos cidadãos o acesso à informação, vista como a base do conhecimento social. Além disso, deram prioridade ao direito à informação sobre cidadania, redobrando a sua dedicação profissional para produzir informação sobre a pandemia. (Casero-Ripollés, 2021, p. 61).

Dessa forma, o chamado jornalismo convencional se colocava numa posição de linha de frente tanto pela própria exposição dos repórteres ao vírus, como também pela autoridade e responsabilidade na divulgação das informações e notícias para a população. Thaís Jorge lembra que a linguagem utilizada pelo jornalismo para falar da pandemia muitas vezes se atrelava às nomenclaturas de guerra.

O pessoal da saúde é descrito como herói (ou como vilão, em alguns países, pelo medo de contágio). Fala-se em “guerra sanitária”, “luta”, “combate” “batalha” contra o vírus, “vitória”, “sinal de alarme”, “bandeiras”, “trincheiras”, “arma” e até “tiro”, assim como utilizam-se palavras e expressões comuns a ambos os campos semânticos – vítimas fatais, mortalidade, letalidade etc. (Jorge, 2022, p. 17).

Assim, em meio à necessária e angustiante busca por dados e orientações, o jornalismo acabaria — dado o contexto político brasileiro — disputando espaços de poder com os órgãos oficiais sobre os dados da Covid-19 (Barbosa; Andrade; Cony, 2022). De alguma forma, os jornalistas assumiram uma responsabilidade social anabolizada, que, se por um lado, diminuía a importância da concorrência por mercado entre os veículos, por outro, convertia os órgãos de informação em bastiões da luta contra a desinformação, vista como o fiel da balança entre o aumento ou a diminuição do número de mortos e infectados pela doença.

O trabalho dos jornalistas na pandemia é bastante pertinente no âmbito do combate às fake news, nas informações dos números de contaminados, na disseminação de dados fornecidos por pesquisadores sobre o vírus, na taxa dos vacinados, na transparências nas informações, na conscientização sobre as medidas de prevenção, na humanização no decorrer das entrevistas e também em relação às matérias produzidas sobre as consequências deixadas pela doença e a visibilidade do momento atípico que estamos enfrentando. Enfim, nos cuidados que precisam ser mantidos para proteção de todos (Teixeira, 2022, s/p)²⁶.

²⁶ Disponível em: <https://www2.ufrb.edu.br/reverso/a-importancia-da-atuacao-dos-jornalistas-na-pandemia/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

3.2. Outra forma de combate: mundos possíveis

Vimos que num ambiente de extrema vulnerabilidade, dificuldade, incertezas e dores, as fakes news eram mais potentes e possuíam maior capilaridade, robustecendo a capacidade de influenciar e mobilizar as pessoas. As notícias falsas relacionadas à pandemia podem influenciar o comportamento da população. Como explicou Casero-Ripollés:

Ao que, no caso da covid-19, deve acrescentar-se um clima social de medo, risco e insegurança. Num contexto marcado por estados de espírito emocionalmente instáveis, a sociedade é mais vulnerável a notícias falsas. A tentação de descobrir informação perdida ou escondida, que ninguém ousa revelar e que o poder quer silenciar, e a natureza escandalosa ou controversa das mensagens servem de risco para atrair a atenção do público e levá-lo a cair em mentiras (Casero-Ripollés, 2021, p. 62).

O jornalista norte-americano Max Fisher se dedicou a um estudo, que posteriormente se transformou em livro, em que ele defendia a tese que os mecanismos desenvolvidos pelas *Big Techs* eram intencionalmente viciantes tal como o álcool e a nicotina. Ele demonstrou porque conteúdos que vão despertar a indignação e o ódio provocam engajamento mais que outros. Em uma reportagem da Revista *piauí*²⁷, publicada em dezembro de 2023, Fisher explicou que “um vídeo conspiratório e falso sobre perigos secretos das vacinas despertará mais raiva que um conteúdo correto e informativo sobre a importância de se imunizar” (Como..., 2023).

O compartilhamento e o engajamento na desinformação não têm relação com nível de instrução ou escolaridade dos usuários, segundo o repórter, mas sim em como o cérebro reage aos fatos no contexto de rede social. Ele diferencia o lado racional da mente do lado social – o segundo pode se sobrepor ao primeiro quando exposto a dados falsos que causam revolta e precisam demandar uma reação (Como..., 2023).

É nessa perspectiva de luta contra a desinformação que o problema das fake news ganhava novos contornos. Não só pela insegurança do contexto — que permitia mais espaços para soluções mirabolantes, remédios oriundos da ânsia ou da ganância de agentes diversos em contornar crise — como também pela incorporação da pandemia à polarização política (que tornava, em síntese, defensores do isolamento social em oposicionistas do governo de Jair Bolsonaro), as fakes news se tornaram praticamente a cristalização do maior inimigo da imprensa combativa. Apontar para as informações falsas e desqualificar seus perpetradores tornava-se tão importante quanto difundir a importância da vacina, a despeito dos que gritavam as consequências nefastas para a economia do isolamento social.

²⁷ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/como-os-algoritmos-hackeiam-mente-humana/>. Acesso em: 5 nov. 2024.

O excesso de informação e a multiplicidade de canais por onde circula estão na origem deste fenômeno. Ao que, no caso da covid-19, deve acrescentar-se um clima social de medo, risco e insegurança. Num contexto marcado por estados de espírito emocionalmente instáveis, a sociedade é mais vulnerável a notícias falsas. A tentação de descobrir informação perdida ou escondida, que ninguém ousa revelar e que o poder quer silenciar, e a natureza escandalosa ou controversa das mensagens servem de risco para atrair a atenção do público e levá-lo a cair em mentiras (Casero-Ripollés, 2021, p. 62).

No entanto, essa atitude pode ser entendida como “apagar o fogo com gasolina”. Na visão do professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Paolo Demuru, a atuação combativa do jornalismo contra as fake news durante a pandemia só agravou ainda mais o problema da desinformação e da polarização. Em seu livro *A Política do Encanto*, publicado em 2024, Demuru defende que as notícias falsas ou teorias da conspiração (que ele prefere chamar de “fantasia da conspiração”) são mecanismos que oferecem respostas simples a temas complexos e mais: as explicações vêm acompanhadas de argumentos encantadores e persuasivos. Em uma entrevista para o podcast Ilustríssima da *Folha de São Paulo*, Demuru comentou:

Teorias da conspiração oferecem respostas relativamente simples a questões muito complexas, mas também uma boa dose de maravilha contra o tédio e os desencantos do cotidiano e contra a crueza do mundo em que vivemos, que produz desigualdade, ansiedade, depressão, tédio e nos confina muitas vezes em vidas isoladas (Demuru, 2024)²⁸.

E o que o jornalismo convencional faz, como estratégia de combate a desinformação, é justamente negar essas narrativas e essas crenças apresentando dados, checagens, o que de certa forma só vai corroborar com a frustração daqueles que defendem essas teorias, pois nesse caso, na visão do professor, seria como chamar a pessoa que acredita nisso de “estúpida”. E daí a reação.

Uma paixão política que deveria ser mais elaborada por um discurso progressista é o entusiasmo, que te leva a fazer algo, a se entregar de corpo e alma em algum projeto, não apenas a se indignar parado com o celular na mão diante de uma notícia falsa e dizer: ‘Que absurdo, como alguém pode acreditar nisso?’ (Demuru, 2024)²⁹.

O truque, portanto, dos programadores de notícias falsas é “propiciar entretenimento disruptivo como distração da ciência laboriosa” (D’Ancona, 2018, p. 47). Como o jornalismo vai responder a isso sem combatividade?

²⁸ Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7dnr03SzSc8oMPHhKJwyyy>. Acesso em: 7 nov. 2024.

²⁹ Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7dnr03SzSc8oMPHhKJwyyy>. Acesso em: 7 nov. 2024.

Em 2016, o Diário de Oxford elegeu “pós-verdade” como a palavra do ano. De acordo com a definição do dicionário o termo corresponde à “informação ou asserção que distorce deliberadamente a verdade, ou algo real, caracterizada pelo forte apelo à emoção”³⁰

O filósofo Slavoj Zizek acredita que a verdade teria a “estrutura de uma ficção”. Em uma entrevista, professor Muniz Sodré discorreu sobre a frase do pensador slavo: “conferir à verdade uma estrutura de ficção pode significar que temos de inventar ou reinventar comunitariamente as verdades”³¹.

Ora, se a verdade com carácter ficcional pode ser mais encantadora e gerar engajamento tal como as fakes news, o jornalismo com aspectos ficcionais, ou seja, o Jornalismo Literário poderia promover o mesmo efeito?

Primeiro, para se constituir, simplesmente, num campo temático de pautas interessantíssimas, potencialmente alinhadas a uma função nobre que o JLA pode desempenhar: contribuir para a cocriação de uma realidade social e humana melhor, mais saudável do que a que temos hoje, mais condizente com as probabilidades de melhoria da qualidade de vida que esses estudos de ponta sugerem. Segundo, para nutrir os jornalistas literários com uma fonte de recursos, procedimentos e princípios que os permitam produzir narrativas e ensaios com um alto poder de expressão avançada, compatível com essa visão nova de mundo que está emergindo nas fronteiras de vanguarda do saber humano. O propósito da cocriação está alinhado com a ideia de que parcialmente, que seja, podemos interferir na realidade externa a partir do uso consciente de intenções desenhadas mentalmente. Essa ideia está alinhada ao conceito transdisciplinar do princípio da evolução (Lima, 2014, p. 17).

Se de alguma forma era óbvia a necessidade do jornalismo convencional — representado pelos jornais do pool de veículos de imprensa — a estratégia de interpretar o urgente não conseguia, da mesma forma, ser executada em meio à necessidade de dados, orientações, estimativas e gráficos. É exatamente nesta lacuna que as fake news, apresentando uma proposta de futuro e gerando fascinação entre aqueles que de alguma forma as consumiam, acabaram tendo performance de dispersão e influência relevantes. Logo, faltava alguma ação que pudesse combinar o jornalismo investigativo e comprometido com os fatos com a produção desses mundos possíveis, atrelando a fascinação a uma causa, a um propósito ou simplesmente a alguma história inspiradora, personagens emblemáticos, narrativa fantásticas, com os dados que eram diariamente transmitidos.

Revistas como The New Yorker e *piauí* apostam no inusitado como uma forma de atrair o leitor para o texto. Eles são tragados por uma escrita envolvente e por textos que abordam assuntos diversos numa perspectiva diferenciada. Em boa medida, o jornalismo cultural dessas revistas apresenta o potencial de ampliar a visão de mundo de seus leitores. Ou melhor, de no mínimo apresentar novos mundos

³⁰ Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/pos-verdade>. Acesso em: 7 nov. 2024.

³¹ Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/320724947_Pela_atencao_ao_comum_entrevista_com_Muniz_Sodre. Acesso em: 7 nov. 2024.

concebidos pela linguagem, algo que a meu ver deveria fazer parte do Jornalismo em geral, em lugar de juntar-se à notícia vazia, embrulhada com sua pele objetividade, já comprovadamente esgarçada (Duarte, 2010, p.67).

É nesse âmbito que o Jornalismo Literário ganha força, e nesse caso, o Jornalismo Literário Avançado no cenário pandêmico representado pela Revista *piauí*. O JLA vai lutar contra a *fake news* assim como o jornalismo convencional, não através da concessão do que é falso ou verdadeiro, mas usando os personagens do mundo real, como um elemento de fascinação, e não um elemento de combate. Assim, o Jornalismo Literário Avançado renuncia à função de noticiar o urgente e passa a interpretar o urgente. “O significado das coisas não está na sua realidade material, concreta, mas no simbolismo sutil que damos a elas” (Lima, 2014, p. 16). Edvaldo Pereira Lima foi o orientador de uma dissertação de mestrado intitulada *A Função Mágica no Fazer Jornalístico: Um Estudo de Caso, em 2001* que demonstrou “o quanto do conteúdo simbólico é desprezado pelo jornalismo cotidiano, mas o quanto desse conteúdo está presente em boa parte da população leitora que, de fato, pode ler o real com muito mais acuidade” (Lima, 2014, p. 16).

É a partir desta proposição que a questão de pesquisa da monografia se coloca: essa “função mágica” do Jornalismo Literário foi usada para competir com o encantamento não virtuoso e nocivo dos algoritmos das redes sociais em tempos de pandemia? É nesse sentido que a série “Tempos da peste”, seria uma forma própria do Jornalismo Literário Avançado capaz de interpretar o urgente e, ao mesmo tempo, solidificar para os leitores “mundos possíveis” voltados não só para elementos centrais da pandemia, como também do próprio tecido social impactado pelas mortes e pela polarização política.

4. A *piauí* em 2020: modos de contar a história

Para os leitores mais assíduos da Revista *piauí*, não seria nenhuma surpresa se essa fosse a introdução de alguma reportagem do periódico:

Na manhã de 16 de abril, o doutor Bernard Rieux saiu de seu consultório e tropeçou em um rato morto no meio do corredor. No momento, ele empurrou a fera para o lado sem prestar atenção e desceu as escadas. Mas quando chegou à rua, ocorreu-lhe que aquele rato não estava mais lá e voltou para avisar o porteiro (Camus, 2017, cap. I).

No entanto, trata-se do primeiro capítulo de *A Peste*, um romance do escritor e filósofo argelino Albert Camus, publicado em 1947, que retrata as transformações urbanas na cidade de Orã, na Argélia, depois que ela é atingida por uma peste transmitida por ratos. O livro é narrado a partir do ponto de vista de um médico, o doutor Bernard Rieux, que se envolve e participaativamente da mobilização para ajudar a conter a disseminação da doença na cidade. Além de explorar os transtornos inerentes a uma crise sanitária de grandes proporções, Camus se debruça sobre os dramas pessoais: a solidão, o medo da morte, a ansiedade, mas também a solidariedade.

O livro foi publicado em 1947, dois anos depois do fim da Segunda Guerra Mundial. A cidade de Orã, arrasada e devastada pela epidemia dos ratos, pode ser interpretada como uma alegoria das cidades europeias que foram dominadas e destruídas pelos nazistas durante o conflito. Vírus e política se retroalimentando, as faces da peste, sendo descobertas e explicitadas ao leitor. Que deve se posicionar e agir, ele próprio, leitor, sobrevivente. Ou nas palavras de Savvas Karydakis, o livro pode ser lido como uma “crônica deste descobrimento”³².

Essa “crônica do descobrimento” revela, em Camus, a perplexidade diante do assombro da doença, mas principalmente de sua íntima relação com a política. Como fenômeno social da agência humana é a política — vista como mobilização da pôlis — que tem a capacidade direta de amenizar ou radicalizar os efeitos mortais da peste. É a necessidade urgente de conhecimento e prática. A conscientização do público acerca de como o poder político conduz as tratativas para superar o quadro endêmico é, espera-se, um convite à ação e ao fortalecimento dos laços comunais que podem, ironicamente, até serem percebidos como um resultado positivo do caos.

Voltemos agora ao Jornalismo Literário Avançado, próprio da *piauí*. A questão central da pesquisa é: a seção Tempos da Peste se constitui como um híbrido, assumindo como

³² Disponível em: <https://www.loja.editora.unb.br/literatura/pestea-5537/p>. Acesso em: 7 nov. 2024.

missão ser informativa (variável inegociável do jornalismo) em tempos de sede por orientações, mas em consonância com o Jornalismo Literário os textos deveriam fazer convites à reflexão? Apresentar mundos possíveis e histórias de esperança submersas que precisavam vir à luz; construir reflexões e experiências compartilhadas que aproximariam o leitor da informação numa relação íntima e, em caso de sucesso, transformadora? Se Eduardo Meditsch, para quem o jornalismo é uma forma de conhecimento, definindo a profissão como a “história escrita à queima-roupa” (Meditisch, 2012, p. 28), o jornalismo de Tempos da Peste se propõe apenas a contar histórias? Ao fazer isso não estaria também documentando um período da história? Tempos da Peste tem lugar nas trincheiras que o jornalismo ocupou na pandemia. Mas sua luta teve estratégias diferentes, produzindo “criação sobre a terra arrasada”.

A capa da *piauí* de abril é um aviso editorial, que funciona como um cartão de visitas para a recém-criada seção Tempos da Peste. Num fundo amarelo claro, o então presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, caracterizado como um palhaço de circo, com cabelos alaranjados semelhantes ao do personagem importado Bozo, fazendo malabares com seis bolinhas verdes em formato de vírus. Em vermelho no centro da capa, a síntese: “Tempos da Peste, a crise do vírus e da democracia”³³.

Figura 1: Capa de abril de 2020



Fonte: Revista *piauí*³⁴

³³ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/edicao/163/>. Acesso em: 7 nov. 2024.

³⁴ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/edicao/163/>. Acesso em: 25 nov. 2024

Assim como o rato de Camus, que seria esquecido caso o Dr. Bernard não voltasse para avisar o porteiro, a capa lembrava que era preciso “voltar e avisar”. A relação do avanço da doença com a política acerca do vírus podia passar despercebida, soterrados como estavam todos com informações sobre como se evitar o contágio. Era, assim, uma provocação ao leitor, um convite à crítica.

Vale ressaltar que as capas da Revista *piauí* constituem um esforço editorial à parte das reportagens. A produção de uma capa mobiliza artistas, designers e ilustradores a cada mês, com o intuito de provocar no leitor uma síntese atrativa, ainda que não óbvia, do que está “em alta” naquele contexto, mas que não necessariamente está relacionada a algum conteúdo das matérias daquela edição (Carvalho; Sargentini, 2009). Assim, a capa funciona como se ela própria fosse uma crônica. Não almeja adiantar nada, mas resume uma atmosfera cujas histórias possíveis estão dispersas ao longo das páginas da revista.

Nas páginas de *piauí*, as reportagens têm poucas fotos ilustrativas e são atravessadas por poemas, ilustrações e histórias em quadrinhos. No primeiro contato do leitor com a publicação, que se dá pela observação da capa, são, principalmente, as imagens que comunicam os primeiros sentidos e demarcam a singularidade da publicação em relação a suas concorrentes. De modo geral, a imagem da capa é o lugar simbólico da valorização do assunto principal a ser destacado em meio ao emaranhado de conteúdo que constitui cada edição da revista (Carvalho; Sargentini, 2009, p. 194).

Assim, em abril de 2020, a capa também falava de uma atmosfera. Mas, pela primeira vez, foi responsável por anunciar o nascimento de uma seção da revista. É importante notar que entre os parênteses, após o título em letras vermelhas, “Tempos da Peste”, a *piauí* faz questão de sinalizar que o tema será “a crise do vírus e da democracia”. Assim, a desintegração dos laços republicanos que regem a norma democrática estaria também puída pelo vírus: não seriam suficientes o uso de máscaras, o *lockdown* e os cuidados com a lavagem das mãos. A reflexão sobre o que caracteriza a nação e a responsabilidade sobre a escolha da representação (vivia-se o ano das eleições municipais) eram igualmente urgentes. Essa foi justamente a intenção do chefe de redação André Petry, quando criou a seção: o critério para saber se a matéria deveria ou não entrar no “chapéu”³⁵ do Tempo da Peste era observar se falava desse cenário de crise do Brasil, para além da crise de saúde, mas abrangendo-a. A crise deveria ser a condutora das reportagens.

³⁵ Jargão no jornalismo para definir tema ou assunto da matéria. Geralmente vem no cabeçalho da página.

Nota-se, portanto, uma estratégia similar no romance de Camus. A partir do contexto de uma crise sanitária sem precedentes, o periódico, assim como o livro, pretende explorar e problematizar questões aparentemente ocultas que são causa e consequência da pandemia. Ater-se exclusivamente à saúde pública e aos temas mais óbvios relacionados à Covid, colocaria a *piauí* em desvantagem competitiva com outros veículos de mídia que divulgavam as novas informações do vírus com muito mais velocidade e menor periodicidade, como explicado no capítulo anterior. Por outro lado, *Tempos da Peste* buscou unir em meio a um cenário sofrido, a reflexão e a denúncia, a conscientização e a esperança, através de histórias em torno da crise da Covid-19. Esta era também uma maneira de a *piauí* continuar a se diferenciar e permanecer atraente e sedutora para o leitor, ávido, porém sufocado, com a enxurrada de novas informações³⁶.

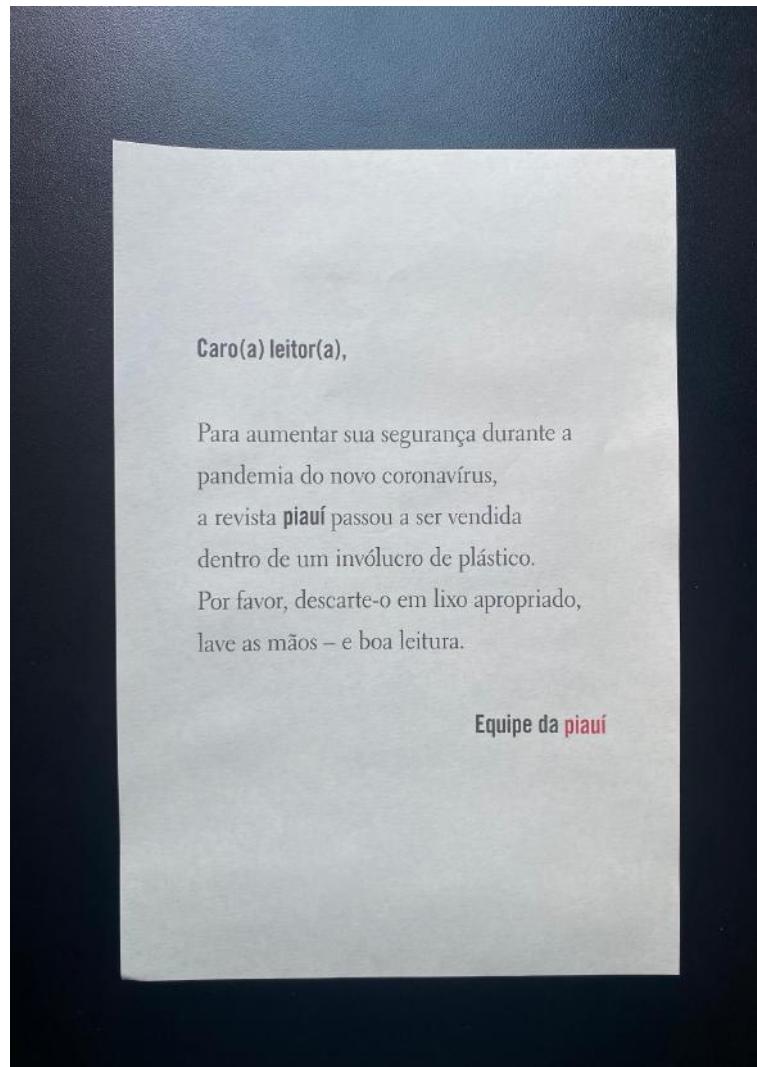
Ao mesmo tempo, a seção seria sintomática do modo como a *piauí* segue com princípios próprios e característicos do Jornalismo Literário Avançado. Até porque, segundo Edvaldo Pereira Lima, uma das contribuições do JLA é superar a “superfície rasteira dos fatos noticiados”. Uma postura que:

Diz respeito à história que se desdobra no presente, cujo alcance e cujo significado talvez não se possa compreender totalmente ainda, mas se pode vislumbrar sinais relevantes. Como o jornalista literário está atrás da profundidade de compreensão, evitando permanecer aprisionado na superfície rasteira dos fatos noticiosos diários, é conveniente habituar-se a pensar de um modo distinto, lançando sobre o presente questionamento que o permitam detetar não simplesmente fatos num evento presente, mas sim padrões processuais de movimentos dinâmicos que lhe dêem um sentido de maior alcance temporal para dos acontecimentos e das situações cotidianas (Lima, 2014, p. 15).

A partir da edição de maio, a *piauí* chegava às bancas e às casas dos assinantes revestida de um invólucro de plástico, como uma camada a mais de proteção para o leitor. E dentro do plástico a seguinte carta:

³⁶ Outra criação editorial da *piauí* incluída na seção *Tempos da Peste*, foi um selo com a figura de um pinguim (mascote da *piauí* que aparece já na primeira capa), usando máscara. O selo vem sempre ao lado da primeira frase do texto. E a depender do teor da matéria, se vai ser mais pessimista ou otimista, o pinguim muda a posição da máscara. Em matérias com carga mais negativa e pesada, o pinguim cobre o rosto com a máscara, para não enxergar. E em matérias mais esperançosas e positivas, o pinguim coloca a máscara no lugar correto.

Figura 2: Carta ao leitor



Fonte: Elaboração do autor

4.1. A narração da Peste

As matérias que naquela seção foram publicadas tinham a pretensão de ser perenes e autônomas em relação ao contexto que as produziu. Assim, não deveriam perder seu poder retórico, sua carga emotiva e sua relevância já no mês ou no semestre seguinte. Em tempos de pandemia, essa obsolescência era ainda mais radical na medida em que a orientação de hoje poderia tornar-se aquilo a ser evitado amanhã. Em alguns momentos era realmente necessário descartar a notícia velha. Aliás, pretensão compartilhada por esta pesquisa, que apesar de se debruçar sobre a pandemia quatro anos depois, pretende lançar sobre os textos produzidos pela *piauí* novas perspectivas e reflexões.

É importante aqui esclarecer que o Jornalismo Literário próprio da *piauí* beneficiava-se de uma expectativa nutrida por seus leitores de produzir textos que aqui vou chamar de “modo de conhecimento”. Num estilo quase didático, as páginas da revista não se pretendiam de leitura rápida. Da mesma forma, os textos assumem que não abrem mão de uma certa lentidão temporal, necessária para serem pensados e escritos. Por isso, temáticas mais complexas, análises que poderiam estar restritas ao conhecimento médico ou legal, são normalmente analisadas detidamente, permitindo um “modo de conhecimento” diferente, que não tem a arrogância de se equiparar a tratados técnicos, mas que ousa, ao mesmo tempo, superar o rasteiro dos fatos.

No contexto da seção Tempos da Peste, essa produção de um “modo de conhecimento” privilegiou a crise política, social e sanitária. Mas, ao encontro da tradição da revista, reveladora de esperança ou no mínimo de saídas possíveis. Pois, “o Jornalismo não revela mal nem revela menos a realidade do que a ciência: ele simplesmente revela diferente. E ao revelar diferente, pode mesmo revelar aspectos da realidade que os outros modos de conhecimento não são capazes de revelar” (Meditsch, 2012, p. 28)

É a investigação desses “modos de conhecimento” sugeridos e assumidos pela seção Tempos da Peste que vamos analisar. Antes algumas ressalvas importantes.

A análise de todos os textos produzidos na seção Tempos da Peste, durante toda a sua vigência (de abril de 2020 a setembro de 2021), certamente requer esforços que vão além dos limites de um trabalho de conclusão de curso. Por isso, a presente análise assume seu caráter de exploração investigativa acadêmica embrionária que apontará apenas alguns caminhos, enquanto outros, certamente, passarão despercebidos. Propositalmente, não especificamos a metodologia, do ponto de vista de uma ferramenta específica (análise narrativa, de conteúdo ou de discurso, por exemplo) (Barbosa, 2020), que utilizaremos para realizar a análise de estratos de textos escolhidos também quase aleatoriamente.

Assim, o que virá a seguir será uma análise geral da seção Tempos da Peste entre os meses de abril a julho de 2020, ou seja, quatro edições. Ainda que as temáticas presentes na seção a cada mês sejam mencionadas de forma geral, o presente trabalho faz a opção de privilegiar um texto específico de cada edição. Tais textos serão selecionados por representarem de forma mais explícita três aspectos do Jornalismo Literário: o informativo (dedicando-se a conscientizar o leitor acerca da pandemia), o didático (buscando um “modo de conhecimento” aprofundado e de ritmo próprio, para além do “noticioso comum”) e o encantador (a apresentação de mundos possíveis: a democracia fortalecida, os laços comunais solidificados, por exemplo).

Um último alinhamento: a opção de levar a análise até julho segue uma justificativa importante. Segundo os passos da *New Yorker*, a *piauí* inicia suas edições com a seção “Esquinas”, que na revista norte-americana a seção é chamada de “O assunto da cidade”³⁷. Como o nome sugere, são pequenos textos, rápidos, interessantes, mas sem a pretensão de aprofundamento. São pequenas histórias, conexões de esquinas, contadas muitas vezes por estagiários de jornalismo da revista, que circulam sua juventude pelas esquinas do país. Concomitantemente a Tempos da Peste, a seção Esquina transforma-se em “Quarentena”. Era a maneira de a revista falar que o trânsito das esquinas estava suspenso. E que os textos seriam adaptados e adequados ao cenário de lockdown. É na edição de agosto de 2020 que a seção Quarentena volta a ser chamada de Esquina, também uma mensagem ao leitor de que a revista obedecia à dinâmica de flexibilização da pandemia em curso naquele momento.

Lançar atenção sobre esse momento de ilusório alívio traz também reflexões sobre o comportamento da revista naquele contexto específico e por isso a opção de frear, por ora, a investigação na edição de agosto. Ainda assim, é importante ressaltar que a seção foi interrompida em novembro de 2020, retornou em fevereiro de 2021 e estendeu-se até setembro daquele ano.

4.2. Fases do Tempo da Peste: os quatro primeiros meses

Como forma de orientar a leitura acerca das edições da Revista *piauí*, o presente trabalho faz a opção de classificar os meses a partir de figuras de linguagem, condensados em expressões metonímicas, que revelam um ambiente maior no qual os textos seriam produzidos.

Assim, enquanto no mês de abril os textos abraçavam-se à coragem diante da crise, celebrando a ciência brasileira e as possibilidades de uma conexão social para além dos temores pandemias, maio trouxe às páginas da revista ênfase maior na investigação acerca dos transtornos e adaptações do brasileiro aos ditames da crise.

4.2.1. Abril da resiliência

A forma como Albert Camus descreve a cena apresentada no início deste capítulo, deixa o leitor curioso para saber o que vai acontecer em seguida. É possível notar uma estratégia semelhante no texto do cientista político Miguel Lago, na maneira como ele abre a

³⁷ “No original: “*The Talk of The Town*”

primeira reportagem da seção Tempos da Peste, em abril de 2020, intitulada “Uma esfinge na presidência”. Ela começa assim:

Em um mito grego, um monstro chamado Esfinge assombra a cidade de Tebas com um enigma: “Que criatura pela manhã tem quatro pés, à tarde tem dois, e a noite tem três?” Ao que adiciona: ‘Decifra-me ou devoro-te’ (Uma esfinge..., 2020).³⁸

A curiosidade não estava em saber qual seria a resposta ao enigma da Esfinge que Édipo, prestes a se tornar rei de Tebas e se casar, sem saber, com sua mãe Jocasta, acerta de maneira precisa. A curiosidade estava em perscrutar qual seria a relação entre o mito grego da Esfinge, a política de Bolsonaro e a pandemia do coronavírus. Não havia dúvida de que se tratava de uma matéria de crítica, seja pela capa da edição, seja pela referência à Esfinge, um monstro que assombrava os tebanos, sendo comparada a Bolsonaro. A chave do “modo de conhecimento” proposto pelo texto era de que o presidente desafiava as instituições brasileiras que se não o decifrasse, ou seja, se não reagissem, seriam devoradas.

É curioso, porém coerente, que a matéria que inaugurava uma seção provocada pela pandemia da Covid-19 não tenha como tema principal o vírus ou suas características, nem ao menos qualquer referência às orientações sanitárias. O modo de conhecimento proposto era de que a responsabilidade do então mandatário da República era determinante para os caminhos a serem tomados no combate à pandemia. Ao medo do vírus, propunha-se um substituto: era o temor (e a reação) à maneira como o governo parecia querer conduzir a pandemia. Mas ao mesmo tempo, um debate sobre o papel e a relevância das instituições no sentido de conseguirem ou não funcionar como baluartes em defesa da República, para além do presidente.

Em seguida, a seção apresenta o texto “O vírus soberano: a pandemia coloca em questão a política do medo na democracia atual”, que é na verdade um ensaio da filósofa italiana Donatella Di Cesare que para os interesses deste trabalho, sintetiza a tríade: informação, didatismo e encantamento. No texto, Di Cesare desenvolve o conceito de “democracia imunitária”, analisando como as relações em sociedade se transformam em períodos de exceção como a pandemia:

A democracia imunitária, onde a política se submete aos ditames da economia planetária e se atussuspense abdicando da ciência, que se imagina objetiva, verdadeira e decisiva. E por uma falta de solidariedade entre as pessoas. Uma vida marcada por alarmes, medo e temor do outro. “O terror como atmosfera”. “A ação

³⁸ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/uma-esfinge-na-presidencia/>. Acesso em: 7 nov. 2024.

política tende a assumir modalidade médica enquanto a prática médica se torna politizada”, explica (O vírus..., 2020).³⁹

O critério de informação, explicada com didatismo, é autoexplicativo. A italiana discorre sobre algo que qualquer brasileiro, atropelado pelas informações da pandemia, aprendera a acostumar-se: a busca pelo álcool gel, a disputa pelas máscaras nas farmácias e a preocupação com o crescente número de mortos. Era um cenário corriqueiro, mas que se revelava numa tonalidade diferente àquela dos noticiosos jornalísticos. Convidava a análise ao absurdo de nos imaginarmos como nação a partir da referência imunitária. Os laços comunais suspendiam a conexão com a pôlis e as orientações médicas tomavam o status de regulação pública enquanto, consequentemente, a prática médica incorporava-se à polarização. Ao desespero do “terror como atmosfera” a pensadora trazia um mundo possível de solidariedade como esperança. Um bálsamo em meio a tudo aquilo.

Ao final, a autora faz um alerta: “a falta de solidariedade pode aumentar a catástrofe”. Novamente, poucos aspectos informativos e factuais sobre a pandemia. Mas ela estava toda lá. Na abertura do texto de Donatella, o pinguim mascote tampa os olhos com a máscara facial, indicando a cegueira — o que não está sendo visto. O rato de Camus deixado de lado. Talvez um convite ao leitor para que vire o rosto ao aparente, ao explícito, e busque as entrelinhas. Talvez um aviso à cegueira que impede que os ranços mais profundos da pandemia não sejam notados. Mas, ao mesmo tempo, uma ode às possibilidades que essa conscientização pode trazer. Aqui ocorre o encantamento.

O ser humano é uma criatura multidimensional que navega simultânea e interdependentemente por quatro oceanos integrados de realidade. Estes oceanos são o físico/objetivo, o psicológico, o simbólico e o espiritual. Enquanto a imprensa cotidiana limita-se quase que exclusivamente ao universo físico das figuras humanas, o Jornalismo Literário Avançado tem a incumbência de buscar captar, tanto quanto possível, elementos significativos das diversas esferas dos fenômenos de existência que constituem o indivíduo (Lima, 2013, p. 75).

O texto de Donatella Di Cesare praticamente nos obriga a explorar esses “oceanos de realidade”, que extrapolam o factual e o “tangível”, funcionando para a própria *piauí* como referência modelar do encantamento que a seção precisa provocar. Vale lembrar que entendo aqui o encantamento como a possibilidade de inverter a morosidade rotineira do mundo aparente por uma retórica repleta de magia, conexões subliminares, revelações ocultas e mundos possíveis restritos aos iniciados. O teor das teorias conspiratórias vai nessa mesma mão, ainda que sob o viés perigoso de negar a realidade. O que os textos da seção vão buscar

³⁹ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-virus-soberano/>. Acesso em: 8 nov. 2024

é a combinação do encantamento com reflexões e histórias reais, porém soterradas, não aparentes.

O terceiro texto é um artigo do neurocientista e escritor Sidarta Ribeiro. Uma análise histórica que recorre às lembranças do autor quando aluno do fisiologista Luiz Gouveia. Sidarta combina suas recordações pessoais a períodos específicos do desenvolvimento da ciência no Brasil, numa cronologia que reforça a relevância da produção nacional e aponta caminhos de esperança à espera da vacina. Reafirma-se o caráter da seção: as três primeiras experiências jornalístico-literárias não têm o coronavírus como protagonista, mas como coadjuvante na reflexão sobre democracia, ciência e política. No máximo, a Covid-19 é ponto de partida para reflexões muito mais profundas, que projetam futuros, lançam holofotes sobre o passado e desmascaram angústias do presente. Tudo ao encontro das premissas do Jornalismo Literário Avançado.

A abordagem histórica da realidade centra-se na questão do tempo e essa igualmente é relevante para o Jornalismo Literário, pois a busca da compreensão de significados passa pelo estabelecimento de conexões dinâmicas que se desdobram temporalmente. Se o propósito é lançar luzes de compreensão sobre fatos, situações e configurações sociais e humanas inseridas na dimensão temporal da contemporaneidade, torna-se saudável apoiar-se em conceitos que apontam de maneira mais sugestiva do que o racionalismo estreito da historiografia convencional ou do jornalismo raso possibilidades de relações significativas entre o presente e o passado (Lima, 2014, p. 14).

É apenas a quarta matéria de Tempos de Peste, na edição de abril, que mergulha diretamente no dia a dia da pandemia da Covid-19 no Brasil. Aliás, literalmente. Trata-se de um diário, escrito por uma médica: “Não tenho resposta para tudo - a vida de uma médica entre seis hospitais e três filhos durante a pandemia”⁴⁰. O relato de dramas cotidianos vividos pelos brasileiros não seria uma raridade, inclusive na esfera do jornalismo tradicional. A proposta diferencial é que o leitor tem diante de si apenas a voz da médica, uma conexão *sui generis*, difícil de reproduzir em meio às imagens do telejornalismo e às interferências dos repórteres. Uma médica de linha de frente, falando. “Correria”, ela suspira enquanto descreve o vai e vem dos hospitais paulistas em que ela trabalha. No trânsito de um hospital para o outro, responde e atende ligações de pacientes e colegas que queriam tirar dúvidas de procedimentos e atitudes. “Não tenho resposta para tudo, mas às vezes dividir angústia alivia”, diz a médica em um trecho do diário. Ponto para o Jornalismo Literário: mais do que um relato, trata-se de um desabafo. Compartilhado. Em conexão com a angústia do leitor.

Como explicou Isabella Baltazar (2017), as histórias exploradas pela *piauí* são construídas baseadas no que é familiar ao leitor, e nesse sentido gera empatia junto ao

⁴⁰ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/nao-tenho-resposta-para-tudo/>. Acesso em: 8 nov. 2024.

público. “Estética e beleza aliada à preocupação com a ética e a veracidade dos fatos, tem como resultado o prazer da leitura” (Baltazar, 2017, p. 2851).

Por fim, a seção de abril apresenta o conto “Baú”⁴¹, escrito por Daniel Galera, que narra uma relação entre bisneto e bisavó que passam a ficar isolados na mesma casa durante a quarentena. Uma mensagem certeira, em como a pandemia e o isolamento social impactaria a relação de muitas famílias, aproximando-as, e criando vínculos antes inviáveis.

Quando chega à sala, o menino está falando com o amiguinho na tela do celular. Na sua festa de 90 anos, ele tinha chorado tanto na hora da foto que acabaram desistindo de fazê-la. Agora que estava mais crescido, ele podia ouvi-la, e podia lembrar das coisas. Agora eles são um time (Baú..., 2020).

Um último e importante ponto: nenhuma das matérias que inauguraram a seção Tempos da Peste foi escrita por um jornalista de formação. Essa é mais uma demonstração clara do posicionamento que a Revista *piauí* precisou assumir diante da urgência de concluir a edição com uma seção completamente nova e que falasse do assunto que seria a principal pauta mundial daquele período. Foi a forma encontrada de inovar, trazer conteúdos diferentes para um leitor que busca sair do superficial informativo para ingressar num mundo de reflexões mais profundas sobre o ineditismo de uma pandemia.

4.2.2. Maio da investigação

A capa da edição de maio da revista trazia novamente como personagem central o então presidente Jair Bolsonaro. Numa cena menos burlesca, ainda que mais impactante. A ilustração tornar-se-ia um clássico das capas da revista: o *beijo na boca*, arte elaborada pela artista russa Nadia Khuzina. Nesta edição, Bolsonaro beija calorosamente a representação clássica da morte, um esqueleto de capa marrom e uma foice.

⁴¹ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/bau/>. Acesso em: 8 nov. 2024.

Figura 3: Capa de maio de 2020



Fonte: Revista *piauí*⁴²

A capa do beijo não era uma novidade para a revista. Em janeiro de 2016 o ex-presidente Michel Temer beijava Eduardo Cunha, à época presidente da Câmara dos Deputados, no enlace que acelerou o processo de impeachment da Presidenta Dilma Rousseff. O beijo de 2020, assim como em 2016, representava um enlace, um pacto. Bolsonaro deixava a posição de um mero brincalhão diante do vírus para ser denunciado como co-artífice dos números cada vez mais assustadores de mortos pelo vírus.

Assim, maio seria a edição mais robusta de Tempos da Peste do ano de 2020. Foram doze matérias, sendo uma delas um portfólio fotográfico, “Medo nos trilhos”, sobre o metrô de São Paulo em meio aos novos protocolos pandêmicos. Essa robustez pode ser explicada

⁴² Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/edicao/164/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

porque esta foi a primeira edição que foi totalmente idealizada e fechada dentro do contexto da Covid-19 (se considerarmos o início do isolamento social no dia 15 de março, a edição de abril foi apenas parcialmente fechada na pandemia). Naquele momento, as pessoas tinham um pouco mais de conhecimento sobre o vírus, já se conformavam com a imprevisibilidade da volta “ao normal” e adaptavam-se à rotina de quarentena. Era hora então de falar com mais propriedade e seriedade. Apontar responsabilidades e cobrar.

Essa “maturidade pandêmica” teve no Jornalismo Literário da *piauí* uma face mais sofisticada, mas não foi uma exclusividade do periódico. Segundo Ana Paula Goulart de Andrade *et al* (2021), no artigo que analisa fases da pandemia a partir da rotina produtiva do RJTV, o mês de maio foi a “fase do exemplo” do telejornal, quando os repórteres e a equipe como um todo passam a adotar medidas protetivas que impactavam e mexiam em algumas dinâmicas do programa, fazendo do próprio comportamento dos repórteres uma referência para os espectadores:

O uso das máscaras nos telejornais regionais, a partir de 5 de maio de 2020, foi uma novidade na rotina produtiva das equipes de externa, sobretudo para repórteres, que precisaram adaptar a locução, e também para os telespectadores, que passaram a ter o exemplo de prevenção nas telas, de forma pedagógica, informação passada de forma subliminar, de que a máscara é necessária, configurando a “fase do exemplo” (Thomé; Silva; Reis; Andrade, 2021, p. 83).

Se, por um lado, o telejornalismo diário, dentro do escopo do jornalismo convencional, assumia esse papel de orientação e de exemplo, por outro, o Jornalismo Literário recorria ao seu papel investigativo para ampliar temáticas e assuntos que, apesar de conviver com a rotina das pessoas, não tinham destaque em meio ao oceano de informações de superfície.

Ainda assim, a orientação da chefia da Revista *piauí* naquele período, era de que os repórteres apurassesem as matérias de suas casas, por telefone ou ligação de vídeo, o que era um desafio extra para um modelo de jornalismo em que o contato presencial com a fonte (e a apreensão subjetiva de suas emoções, por exemplo) e com o local da apuração (e suas dinâmicas implícitas) são imprescindíveis para a técnica da descrição das cenas, captação de nuances e outros elementos próprios do Jornalismo Literário, já apresentados. Curiosamente, a reunião de pauta da *piauí* que definiu as matérias da edição de maio inaugurou o modelo que é usado até hoje nas reuniões mensais da revista: as videochamadas pelo aplicativo *Zoom*, um dos mais utilizados durante a pandemia, ao lado do *Google Meet*. Até a pandemia, as reuniões de pauta da *piauí* eram presenciais na redação.

Da dúzia de matérias da seção de maio, cinco foram escritas por repórteres da equipe da revista (naquele mês, os jornalistas tiveram mais tempo para apurar uma matéria por completo, dentro dos novos padrões de comportamento e segurança).

Seguindo a orientação de destacar o texto que sintetizaria de forma mais lúcida a tríade informação/didatismo/ encantamento, voltaremos a atenção para a matéria que pretende ser uma espécie de “perfil” do vírus. “Uma biografia improvável”⁴³, do repórter Roberto Kaz conta de maneira *didática*, como funciona a biologia de um vírus. Em seguida, informa as particularidades que justificariam o adjetivo de “novo”, usado pela imprensa nos meses iniciais da pandemia. O texto é repleto de artifícios retóricos imagéticos, quase lúdicos:

Zerbini ilustrou: “Pense que a célula é um caminhão, e que o vírus, muito menor, é uma moto. Eles param lado a lado no sinal de trânsito, e o motoqueiro anuncia um assalto.” Se a moto (na condição de vírus) é feita de DNA, o motoqueiro só precisa roubar o combustível do caminhão para seguir viagem. Se a moto for feita de RNA, é como se fosse movida a eletricidade e, nesse caso, roubar o combustível é inútil. “O motoqueiro vai roubar outras coisas que faltam em sua moto, como caçamba, estepe, rádio, farol de milha.” (Uma biografia..., 2020).

Informação e recurso didático de forma a explicar para o leitor como age um vírus no organismo humano. Supera-se a informação rotineira. Não há preocupações severas quanto à eficácia do uso de máscaras, nem debates sobre a chegada de vacinas. Aposte-se em acúmulo de conhecimento real e em possíveis aprendizados sobre a doença que poderiam ajudar a criar uma espécie de “segurança” para o leitor, blindando-o contra as informações falsas, por exemplo. Esse leitor “blindado”, menos suscetível a acreditar em narrativas falaciosas sobre o vírus, faria parte de uma comunidade mais autônoma e consciente sobre o que fazer. Um mundo possível atraente àquela altura. Encantamento de contação de histórias, que procura engajar, síntese do poder do Jornalismo Literário Avançado. A própria conclusão do texto reforçaria essa hipótese: toda a narrativa foi construída em torno de explicações científicas e a finalização com a negação das “trapaças” mentais que a teoria da conspiração induz:

O fato de haver em Wuhan, onde começou o contágio, um instituto de pesquisas que trabalha com coronavírus alimenta a ideia da fabricação do novo parasita em laboratório. “Mas é pura coincidência. As pessoas não resistem a uma teoria conspiratória, porque ela fornece uma resposta simples para algo extremamente complexo, como a origem de um vírus.” (Uma biografia..., 2020).

Confirmando o viés da investigação, pautada pelas histórias e pela tríade informação/didatismo/encantamento, a seção apresenta, em seguida, um “perfil” do Sistema Único de Saúde (SUS), explicando sua criação e funcionamento e celebrando a relevância do

⁴³ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/uma-biografia-improvavel/>. Acesso em: 11 nov. 2024.

SUS durante a pandemia. Mais uma demonstração do encantamento pelo viés da “realidade”: diante das críticas à morosidade e à ineficiência do sistema público de saúde, a reportagem responde com números, mas sobretudo com a celebração da qualidade e do sacrifício das pessoas que o integram.

Ainda como forma de criar conexão e encantamento com mundos possíveis, a seção segue com uma matéria narrando a mobilização de um grupo ativista para a criação de um programa para distribuir renda básica aos mais pobres. O *Nossas*, organização ativista que foi criada em 2011 teve papel importante em pressionar o governo para a criação do auxílio emergencial — e quem assina a reportagem é a fundadora do grupo. Num texto a seguir a repórter Thais Bilenky investiga como que igrejas estavam encontrando meios de cobrar o dízimo na pandemia. SUS, Auxílio Emergencial e Dízimo — temas que aparecem frequentemente no jornalismo convencional, nos jornais e nos telejornais diários, mas que, na visão do Jornalismo Literário Avançado ganhavam novos contornos:

Uma vez que assume a si mesmo como relato a partir de uma perspectiva, o discurso do jornalismo literário não busca sua legitimidade através da utilização de recursos de controle da subjetividade. (...) Sua legitimidade se assenta sobre o critério da verossimilhança, no sentido de que busca produzir a descrição mais credível da realidade, a qual, por ser assumidamente apreciativa, está abertamente sujeita à avaliação do leitor (Santos, 2005, p. 7).

Por fim, vale destacar mais uma matéria daquela edição. Mas, para que tenhamos a real dimensão de como ela se relaciona ao Jornalismo Literário da *piauí*, há necessidade de uma contextualização prévia. No dia 18 daquele mês de maio, o portal de notícias *GI*, publicou uma matéria sobre a substância cloroquina, que estava sendo recomendada por alguns médicos nas redes sociais como tratamento eficaz para a Covid-19. A matéria trazia uma nota da Sociedade Brasileira de Infectologia (SBI), alertando sobre o perigo de utilizar o medicamento⁴⁴, cuja eficiência no combate ao vírus nunca havia sido comprovada. Além da nota, a reportagem ouviu especialistas, apresentando o impasse da polêmica em torno do medicamento, cujo uso entrava no jogo da polarização política: acreditar na cloroquina passava a ser bandeira dos adeptos do então presidente Jair Bolsonaro, enquanto que criticar as notícias falsas acerca da eficácia do medicamento passava a ser visto como “retórica de esquerdistas”.

⁴⁴ A cloroquina é um medicamento utilizado para tratar pessoas com malária. E a hidroxicloroquina, usada para tratar doenças reumatológicas, como artrite reumatoide ou lúpus eritematoso sistêmico. Disponível em: https://www.cochrane.org/pt/CD013587/INFECTN_cloroquina-ou-hidroxicloroquina-sao-uteis-para-tratar-pessoas-com-covid-19-ou-para-prevenir-infeccao. Acesso em: 11 nov. 2024.

A *piauí* de maio também falou da cloroquina, mas à maneira do JLA. Menos do que simplesmente relatar a polêmica, a revista trouxe um relato de um balonista de farmácia. Dificilmente haveria um personagem mais próximo de todos, naquele contexto. O funcionário, tal qual o narrador de uma crônica, conta a sua rotina sob a forma de um diário, e compartilha como é ter que lidar com clientes que procuram e perguntam sobre a cloroquina. Os diretores de redação se recordam que essa foi uma das matérias mais lidas e mais bem recebidas pelo público desta edição. Parece corresponder com o que disse a escritora russa Svetlana Aleksiévitch (2016): “o interessante está em transformar em literatura a história relatada pela testemunha ou participante que ninguém notou, que passaria despercebido. E mais que testemunhas, os envolvidos se tornam criadores”.

4.2.3. Junho do cosmopolitismo

O mês de junho pareceu trazer ao Jornalismo Literário da *piauí* uma necessidade de se dedicar de forma mais abrangente às raízes e interpretações dos dilemas da pandemia num país periférico como o Brasil. Aos leitores, estaria relacionada a colocar a pandemia no Brasil em perspectiva, não só na comparação de seus efeitos, mas nas raízes de alguns debates que pareciam tão brasileiros, mas não eram. O encantamento estava em mostrar como que conexões esdrúxulas, informações pouco conhecidas e senso de comunidade pelo conhecimento não precisavam amparar-se em notícias falsas.

Destaco que o assunto cloroquina continuava a compor de forma sufocante a atmosfera do debate àquela altura. A quarta reportagem da seção Tempo da Peste da edição de junho, responde mais uma vez de forma original a isso. Trata-se de um perfil traduzido do inglês e que fora publicado originalmente na revista *The New Yorker*, assinado pelo jornalista Scott Sayare. “O arauto da cloroquina”⁴⁵ conta a história do cientista Didier Raoult que teve que lidar com consequências e adversidades no ramo científico depois de defender o uso do polêmico remédio.

Os colegas de Raoult compararam sua psicologia à de Napoleão, embora ele não seja baixinho. Ao ser indagado por um jornalista sobre sua tendência de “nadar contra a corrente” do pensamento científico, ele respondeu: “Não sou um outsider. Sou aquele que está na frente de todo mundo.” Axel Kahn, médico e geneticista que o conhece há quase quarenta anos, contou-me que ele sempre foi assim (O arauto..., 2020).

⁴⁵ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-arauto-da-cloroquina/>. Acesso em: 11 nov. 2024.

A matéria direciona a revista para uma posição que aponta a cloroquina como um medicamento controverso, assim como a publicação do *GI* fez em 18 de maio. A diferença aqui, é que a tese é sustentada no próprio descrédito de uma autoridade médica frente a comunidade científica. E de um cientista super respeitado e renomado na área.

A *piauí* já foi apelidada de “New Yorker dos trópicos”, justamente por se pretender uma leitura de ritmo mais cadenciado, com notícias percorridas sob os auspícios do Jornalismo Literário. Num exercício de metalinguagem, a revista assume o cosmopolitismo, traduzindo um artigo de uma revista publicada na maior cidade do capitalismo mundial, explicitando suas *intenções*, isto é, trazendo o debate de críticas à cloroquina para uma arena bem distante da polarização ideológica brasileira. A inspiração da *piauí* no periódico nova-iorquino é nítida, tanto no formato quanto na maneira de conduzir as reportagens.

Revistas como The New Yorker e piauí apostam no inusitado como uma forma de atrair o leitor para o texto. Eles são tragados por uma escrita envolvente e por textos que abordam assuntos diversos numa perspectiva diferenciada. Em boa medida, o jornalismo cultural dessas revistas apresenta o potencial de ampliar a visão de mundo de seus leitores. Ou melhor, de no mínimo apresentar novos mundos concebidos pela linguagem, algo que a meu ver deveria fazer parte do Jornalismo em geral, em lugar de juntar-se à notícia vazia, embrulhada com sua pele objetividade, já comprovadamente esgarçada (Duarte, 2010, p.67).

Ao mesmo tempo, a revista recorre à revista norte-americana para ampliar o espectro geográfico de como a temática do vírus, que lotava o noticiário diário no país, estava sendo discutida no contexto norte-americano, dando ênfase ao trato global que a pandemia vinha tendo. Essa ideia de “mundialização” do vírus, e da necessidade de expandir fronteiras de conhecimento, bem como de histórias sobre a doença, ficou também explícita na seção Esquina (que, como já dito anteriormente, de abril a julho, foi nomeada de Quarentena). O artifício adotado foi interessante: as esquinas, *cosmopolizam-se*. Se por um lado, a pandemia exigia cuidados e restrições que impediam as histórias mais leves, a revista busca *esquinas* maiores, internacionais, identificadas como cantos diversos do mundo que poderiam (e deveriam) ter suas histórias contadas para que o público brasileiro ampliasse suas perspectivas.

As *quarentenas* deste mês de junho foram divididas por diferentes países do mundo, trazendo histórias que iam de Cuba à Albânia. Ao olhar para outros países, para personagens com culturas distantes, mas com as mesmas angústias, perdas e preocupações, reforçava-se o caráter de encantamento que a revista buscava. Mesmo porque, uma das características do encantamento é justamente a criação de um senso de comunidade compartilhada que conhece, experimenta e defende as mesmas coisas.

Nos três primeiros meses de Tempo da Peste nota-se, também, uma padronização: a matéria que abre a seção é, invariavelmente, uma reportagem voltada para a política, geralmente com reflexões críticas sobre a maneira como o governo estava lidando com a crise sanitária: “Uma Esfinge na presidência: Bolsonaro precisa do impeachment para fazer sua revolução” (abril); “Dentro do pesadelo: O governo Bolsonaro entre na sua fase mais calamitosa” (maio); “O jogo dos dois erros: Por que Bolsonaro se equivoca ao minimizar a pandemia e ao tentar se eximir da crise econômica” (junho).

Mas ao contrário de simplesmente criticar ou denunciar como falsas as afirmações negacionistas do governo, as reportagens abriam espaços (até porque eram as reportagens de abertura) para que a simples negação fosse combatida por uma *substituição*: o encantamento pela realidade possível. Segundo Paolo Demuru, as fake news têm sua atração justamente pelo sabor de fácil penetração no imaginário coletivo, como uma boa teoria da conspiração, que uma vez colocada sob as luzes é tão óbvia, *mas que ninguém vê*.

Assim, o fato de a *piauí* inaugurar as seções que falam da crise ressaltando o tema da política iria ao encontro do que defende Demuru como antídoto ao desserviço das notícias falsas: combater não no ataque direto, mas pelo elemento do “encantamento” gerado pela imersão no Jornalismo Literário.

4.2.4. Julho do luto

O final do mês de junho foi especialmente dramático com a atualização dos números da Covid-19 no Brasil. Passava de um milhão o número de infectados no país, com mais de 60 mil óbitos. Só o estado do Ceará contabilizava mais mortes por coronavírus que a China naquele período. Era uma escalada vertiginosa no alcance mortal da pandemia, o que colocava a população em estado de alerta e choque. E de luto.

A seção Tempos da Peste de julho, que contém cinco matérias, traz como tema central a “morte”. Proponho um olhar atento ao ensaio “A morte e a morte: Jair Bolsonaro entre o gozo e o tédio”⁴⁶, escrito por João Moreira Salles. Por pouco, as quatro primeiras matérias da seção Tempos da Peste, de cada mês, não contém o nome de Bolsonaro na linha fina (subtítulo). O ensaio de João é a segunda matéria da seção no mês de julho. O aspecto encantador, aqui, é o que mais chama a atenção.

⁴⁶ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-morte-no-governo-bolsonaro/>. Acesso em: 11 nov. 2024.

“Quando as vítimas da pandemia passaram de 5 mil, no dia 28 de abril de 2020, Jair Bolsonaro foi a um estande de tiro”⁴⁷. É a primeira frase do artigo. Novamente o elemento político em cena, nas primeiras linhas, padrão da seção. É pela política que vai se explicar os rumos da pandemia no país. Mas o texto de João Moreira Salles é especial por outro motivo.

Já foi dito aqui, por várias vezes, e seguindo as explicações de Paolo Demuru, que o encantamento é também fruto do que o mundo fictício chamado de *inside information* ou informação privilegiada. As grandes teorias conspiratórias, aquilo que ninguém vê, mas é de certa forma visível para todos, as seitas e confrarias secretas, tudo isso cria uma ambiência, que, de alguma maneira, se desvenda a poucos. A poucos, os escolhidos. Também já foi trabalhado aqui que o combate a esse tipo de encantamento produzido pelas fake news não é bem-sucedido quando pautado apenas pela negação. Isso, por um motivo simples: quem se dedica a esse tipo de narrativa já tem a expectativa de ser denunciado como “mentiroso” numa espécie de profecia auto-realizável: se os membros seletos que conhecem a conspiração difundirem esse conhecimento, os grandes interessados na manutenção da mentira serão derrotados. Por isso, negar a narrativa apenas com dados e informações não é eficiente. O texto de João faz de outra forma: o combate se dá com o recurso do encanto.

O ensaio segue enumerando e correlacionando datas que o país atingiu marcas expressivas no número de óbitos com a rotina de Jair Bolsonaro. Aquilo que ele estava fazendo. A informação privilegiada. O conhecimento que não se encontra nos noticiosos, mas convida a uma reflexão também restrita a poucos. O que o presidente estava fazendo naquela data — em todos os casos, atitudes que não se aproximam de condolências ou pronunciamentos de pesar. O encantamento aparece na revelação da rotina, avessa a tudo que o país passa e sofre. Um encantamento às avessas, mas que se pretende real.

Mais precisamente: certas formas de morrer o excitam, enquanto outras o deixam frio. Qualquer antologia das frases que notabilizaram Bolsonaro terá cheiro de sangue e morte (...) Bolsonaro não se comove com a natureza, a arte lhe é estranha, a religião não passa de um adereço político, a ciência o ofende. Até o luxo parece deixá-lo indiferente. A violência não. É quando fala nela que parece mais vivo e potente (A morte..., 2020).

Além do ensaio assinado pelo fundador da revista, a seção apresenta uma reportagem que mostra a luta contra o vírus da perspectiva dos cientistas, e quais são os obstáculos e dificuldades que enfrentam na pesquisa. Uma outra mostra como a pandemia afeta o processo criativo de escritores. Em seguida, um diário de um coveiro de Manaus, conta a realidade

⁴⁷ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-morte-no-governo-bolsonaro/>. Acesso em: 11 nov. 2024.

desse profissional que vê aumentar o número de enterros a cada dia. Com o relato de Marcos, o coveiro, as pessoas passam a conhecer uma realidade muito distante, pelo menos para a maioria, e, no entanto, muito próxima, naqueles tempos em que a morte andava colada à vida. “O defunto que morre de Covid vem sempre mais pesado do que os outros”, diz o coveiro em um trecho do diário⁴⁸. Novamente, não há conteúdo informativo e de viés prático para os leitores na informação. Mas ao conhecer essas nuances do trabalho e do dia a dia de um coveiro, cria-se empatia e conexão. Seria esse um elemento da “democracia imunitária”, proposta por Donatella Di Cesare?

⁴⁸ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/diario-de-um-coveiro/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

5. Considerações finais

Agosto de 2020. A capa da edição da *piauí* antecipa a marca histórica de dor e perda que acompanhou os brasileiros naquele mês: cem mil pontos brancos na frente e na contracapa, representando os 100 mil brasileiros mortos por Covid-19, marca que o país atingiu no dia 8 daquele mês. “Em agosto, chegamos a 100 mil mortos. Nesta capa, há 100 mil pontos de luz, em homenagem a cada um deles”⁴⁹, é o recado da revista que aparece no canto inferior esquerdo da capa. Foi a partir desta edição, como vimos, que a seção que abre a revista, voltou a ser nomeada “Esquina”. A pandemia não parecia terminar. Muito pelo contrário, os números tornavam-se mais assustadores. Mas, ao mesmo tempo, algumas medidas de flexibilização já estavam sendo implantadas — o “novo normal” já passava a interagir com as rotinas. A expectativa da chegada das vacinas era estipulada. E as pessoas saiam de casa, com distanciamento social e todos os cuidados e protocolos de segurança, mas agora era possível ir à esquina, com um pouco menos de medo.

O presente trabalho, desde sua concepção, buscou ser uma jornada de provocações intelectuais, preparando terreno para passos mais ousados no futuro acadêmico do autor. De antemão, apaixonado pela literatura e pelo jornalismo, interessava-me descobrir as origens dessa combinação, tanto em referências históricas, mais distantes no tempo e no espaço, quanto às suas expressões no Brasil, com a chegada dos folhetins no século XIX e das grandes obras de análise e revelação de mundos não explícitos como Euclides da Cunha fizera em relação ao arraial de Belo Monte.

Em seguida, configurou-se uma outra preocupação: em meio a um cenário onde as fake news alcançam facilmente viralização justamente pelo seu caráter de “exclusividade de informação” ou “acesso restrito a poucos iniciados”, promovendo conexões apaixonadas (ainda que falsas) que funcionariam como contraponto à mororrenta vida rotineira, percebi nas definições do conceito de Jornalismo Literário Avançado, de Edvaldo Pereira Lima, a possibilidade de fazer com que essa mesma produção de encantamento acontecesse por meio de histórias desconhecidas, conexões entusiásticas e inesperadas, investigações profundas e “leituras no ritmo da reflexão”. Ou seja, um jornalismo de combate, porém diferente daquilo que chamei de “soterramento de informações rasteiras” próprio do jornalismo convencional.

Finalmente, o fato de trabalhar como estagiário de jornalismo da *piauí*, desde abril de 2023, conhecer os atores principais da revista e aprender com eles na convivência diária,

⁴⁹ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/edicao/167/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

trouxe-me a possibilidade e o interesse de investigá-la. A opção pela seção “Tempo da peste” tinha duplo fundamento: o primeiro, pelo fato de acreditar que poderia ser exemplo da necessidade do Jornalismo Literário equilibrar a informação urgente (própria do cenário pandêmico), que não faz parte do *modus operandi* habitual do periódico, com a produção de modos de conhecimento profundos, reflexivos e abrangentes.

Além disso, ciente de que o JLA pode e deve servir como aríete na luta contra as fakes news, justamente por se utilizar das mesmas armas de encantamento sob vetores contrários, busquei observar como que os textos da *piauí* diretamente ligados ao cenário da Covid-19 foram construídos. Se efetivamente os elementos literários buscaram e alcançaram a criação de uma “comunidade de iniciados” ou de “conexões profundas” entre texto e leitor, sempre no sentido de apresentar mundos possíveis marcados pela esperança, ainda que eivados de críticas e denúncias claras.

Assim, o abril da resiliência convidava os leitores a uma esperança fugidia pautada na possibilidade de laços republicanos mais fortes para além do simples medo. Ficção benfazeja impossível para o jornalismo convencional. Maio, já mostrava uma maturidade em torno do cenário, explorando a investigação jornalística para além dos fatos óbvios e instaurando narrativas de longa duração no tempo que pudessem fortalecer a própria sociedade e blindar o leitor comum das atraentes e perniciosas fake news. Em junho o Jornalismo Literário da *piauí* traga o leitor para uma reflexão global, compartilhando dores e alegrias numa perspectiva mundial. Finalmente, em julho, o luto irrompia como magma incontrolável, mas que não poderia se dar ao luxo de gerar tão somente lamentações. Todas essas estratégias, creio, combinaram de forma singular o compromisso com a informação e a defesa de uma relação mais profunda e esperançosa com o texto, o que é próprio do Jornalismo Literário Avançado.

O trabalho sugere a possibilidade de aprofundar tais questões a partir de uma análise mais específica dos vários artigos de cada edição da revista dedicada ao Tempo da Peste e não somente dos destaques. A interrupção da análise no mês de julho delimitou o objeto, ainda que sob a legitimidade das fronteiras das primeiras flexibilizações. Porém, a pesquisa está completa dentro da sua proposta de levantar reflexões seminais acerca do tema, deixando um terreno fértil para futuras incursões acadêmicas de maior fôlego.

Ainda assim, como concluinte do curso de jornalismo na Universidade Federal do Rio de Janeiro, agradeço a oportunidade de me dedicar a um tema apaixonante, cujos atrativos só foram explicitados pela revisão profunda e empática de minha orientadora. Fica a sugestão para mergulhar em novos desafios acadêmicos que, tenho certeza, serão sempre marcados pelo encantamento.

6. Referências bibliográficas

- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- AMARAL, Marcio Tavares d'. **Seis ensaios da quarentena**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2021.
- ASSIS, Machado de. O jornal e o livro. **Correio Mercantil**, Rio de Janeiro, ano XVI, n. 10, p. 1, 10 jan. 1859. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=217280&pasta=ano%20185&pesq=&pagfis=15667>. Acesso em: 5 nov. 2024.
- AVIGHI, Carlos Marcos. **Euclides da Cunha jornalista**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). São Paulo: ECA/USP, 1987.
- BALTAZAR, Isabella. **Revista piauí em reflexão**: um possível produtor do jornalismo literário. XV Congresso Internacional Abralic, Rio de Janeiro, 7/11 ago. 2017. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2017_1522195999.pdf. Acesso em: 14 out. 2024.
- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- BARBOSA, Marialva. **Comunicação e Método**: Cenários e Práticas de Pesquisa. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.
- BARBOSA, Marialva; ANDRADE, Ana Paula Goulart de; CONY, Marcos André Oliveira. Cenas dos próximos capítulos: a criação do consórcio de imprensa. **Revista Razón y Palabra**, v. 25, n. 114, maio/ago. 2022. Disponível em: <https://www.revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/1947/1745>. Acesso em: 7 nov. 2024.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BREDA, Letícia Prior; FUNCK, Nadine Laís; VALIATI, Vanessa Amália Dalpizol. Longform e jornalismo: uma análise de grandes reportagens da Revista piauí. **Comunicologia**: Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília. v. 14, 2021. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/12271>. Acesso em: 5 nov. 2024.
- CAMUS, Albert. **A peste**. Record, 2017. Título original: La Peste.
- CARVALHO, Pedro Henrique Varoni; SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. O papel da imagem em "uma revista para quem gosta de ler": piauí. **Revista da Anpoll** 27, Niterói, v. 2, 2009. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/148>. Acesso em: 6 out. 2024.
- COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel**: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- COSTA, Cristiane; GAMA, Rafaela. Tragam-me a cabeça de Euclides da Cunha – os impasses da cultura de cancelamento a partir de uma leitura crítica da questão racial em Os Sertões. **Pontos de Interrogação – Revista de Crítica Cultural**, Alagoinhas - Bahia: Laboratório de Edição Fábrica de Letras - UNEB, v. 12, n. 2, p. 97–116, 2023. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/15818>. Acesso em: 5 nov. 2024.

COMO, os algoritmos hackeiam a mente humana. Revista piauí, 5 dez. 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/como-os-algoritmos-hackeiam-mente-humana/>. Acesso em: 5 nov. 2024.

CONY, Marcos André Oliveira. **Até que a morte una: a criação do consórcio de veículos de imprensa na pandemia.** Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2021.

CORREIA, Ana Lúcia Merege. **Literatura:** Joel da Silveira. BNDigital, 26 mar. 2022. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/escritores-brasileiros-joel-silveira/>. Acesso em: 5 nov. 2024.

COUTINHO, Vinícius da Silva; OLIVEIRA, Thamyres Sousa de. O Jornalismo na Pandemia da Covid-19: estratégias do Consórcio de Veículos de Imprensa no combate à desinformação. Intercom, UFPB, 5/9 set. 2022. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0720202215175662d846d440e92.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2024

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade:** a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Barueri: Faro, 2018.

DEMURU, Paolo. **Políticas Do Encanto.** Editora Elefante, jul. 2024.

DUARTE, Marina Lee Colbachini Sathler. **Sentidos resolvidos na revista Piauí. A intersecção da linguagem literária e jornalística.** Dissertação (Mestrado em Difusão Científica e Cultural). Campinas: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2010.

DUVANEL, Talita. **O texto com um parafuso a mais: o jornalismo narrativo na Revista Piauí.** Monografia (Graduação em Comunicação Social / Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2009.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **Saco de gatos:** ensaios críticos. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

GUZZO, Morgani; TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. Livro Reportagem: A fuga do superficial como categoria do Jornalismo Literário. Intercom, Guarapuava, 29/31 maio. 2008. Disponível em: <https://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2008/resumos/r10-0142-1.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2024.

JORGE, Thaís de Mendonça. **O sujeito digital, o sujeito ensimesmado e o sujeito fragmentado diante da Covid-19.** Um olhar sobre o jornalismo e a pandemia. SBPJor, Fortaleza, nov. 2022. Disponível em: <https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2022/papers/o-sujeito-digital-o-sujeito-ensimesmado-e-o-sujeito-fragmentado-diante-da-covid?lang=en>. Acesso em: 6 nov. 2024.

KRAMER, Mark. Breakable Rules for Literary Journalists. Nieman Foundation, 1 jan. 1995. Disponível em: <https://niemanstoryboard.org/1995/01/01/breakable-rules-for-literary-journalists/>. Acesso em: 10 set. 2024.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas:** O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri, SP: Manole, 2004.

LIMA, Edvaldo Pereira. Memória do Futuro: Jornalismo Literário Avançado no Século XXI. **Inovcom**, v. 5, n. 2, 2013. Disponível em: <https://blog.edvaldopereiraima.com.br/wp-content/uploads/JLA-1-Inovcom.pdf>. Acesso em: 18 set. 2024.

LIMA, Edvaldo Pereira. Memória do Futuro: Jornalismo Literário Avançado no Século XXI - 2. **Inovcom**, v. 6, n. 1, 2014. Disponível em: <https://blog.edvaldopereiralima.com.br/wp-content/uploads/JLA-2-Inovcom.pdf>. Acesso em: 18 set. 2024.

LONGHI, Raquel Ritter; WINQUES, Kérley. **O lugar do longform no Jornalismo online:** Qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo. *Brazilian journalism research*, v. 11, n. 1, p. 110–127, 2015. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/693>. Acesso em: 2 nov. 2024.

MARTINEZ, Mônica. **Jornalismo Literário:** a realidade de forma autoral e humanizada. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, Ano VI - n. 1 pp. 71 - 83 jan./jun de 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p71/10418>. Acesso em: 15 ago. 2024.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo literário:** um gênero em expansão. *Intercom: revista brasileira de ciências da comunicação*, São Paulo, v.32, n.2, jul. 2009. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/download/267/260>. Acesso em: 20 set 2024.

MARTINEZ, Mônica. Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, Ano VI - n. 1 pp. 71 - 83 jan./jun de 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p71/10418>. Acesso em: 5 nov. 2024.

MARTINEZ, Monica. Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas. *Intercom - RBCC*. São Paulo, v.40, n.3, p.21-36, set/dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/YywYmt85GZrc4NRsjHytXYm/?format=pdf>. Acesso em: 2 set. 2024.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo como Forma de Conhecimento. *Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 21, n. 1, 2012. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/956>. Acesso em: 7 nov. 2024.

MEYER, Marlyse. **As mil faces de um herói canalha e outros ensaios**. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1998.

MOREL, Marco. **As transformações dos espaços públicos:** imprensa, atores políticos e sociabilidade na cidade imperial (1820-1840). São Paulo: Hucitec, 2005.

PAOLO DEMURU: Conspirações seduzem por oferecer encanto. Entrevistado: Paolo Demuru. Entrevistador: Eduardo Sombini. *Ilustríssima Conversa*, 3 ago. 2024. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7dnR03SzSc8oMPHhKJwyYy>. Acesso em: 7 nov. 2024.

PENA, Felipe. O jornalismo Literário como gênero e conceito. **Contracampo**, Niterói, n. 17, pp. 43-58, 2007.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e História no Rio de Janeiro dos Anos 50**. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2000.

SALLES, João Moreira. **Entrevista com João Moreira Salles.** Entrevistador: Alberto Dines. In: *O Observatório da Imprensa*. 2015. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/oitv/joao-moreira-salles/>. Acesso em: 6 nov. 2024.

SANTOS, Bruno Aragão. O real enquanto narração: um diálogo entre o jornalismo literário e a antropologia interpretativa. In: 28o. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Rio de Janeiro, 2005. Anais [cd-rom]. São Paulo: Intercom, 2005. Disponível em: <https://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/r1342-1.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2024.

SEIBT, Taís. Filho da Rua: jornalismo etnográfico ou reportagem de ideias? 2013. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, v. 27 n. 65: Ano XXVII, p. 102-107, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2013.27.65.05/2332>. Acesso em: 25 nov. 2024.

SILVA, Dayane Joyce Lino da; GUIMARÃES, Raquel Beatriz Junqueira. Literatura no jornalismo da Revista piauí. Jangada, jun/dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistajangada.ufv.br/Jangada/article/view/320/257>. Acesso em: 29 ago. 2024.

TARDE, Gabriel. **A opinião e as massas**, São Paulo, Martins Fontes, 2005.

TALESE, Gay. **Fama e Anonimato**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Tradução: Luciano Vieira Machado. Título original: Fame and obscurity.

THOMÉ, Cláudia; SILVA, Edna de Mello; REIS, Marco Aurelio; ANDRADE, Ana Paula Goulart de. A cobertura da Covid-19 no Rio de Janeiro: aspectos da rotina produtiva do Telejornalismo Local. **Ámbitos**, n. 52, 2021. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/14645/1/APGAndrade%20outros.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2024.

TEIXEIRA, Gírlane. A importância da atuação dos jornalistas na pandemia. **Reverso Online**, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 5 ago. 2022. Disponível em: <https://www2.ufrb.edu.br/reverso/a-importancia-da-atuacao-dos-jornalistas-na-pandemia/>. Acesso em: 23 out. 2024

UMA HISTÓRIA, na minha esquina escolherá os melhores textos de estudantes de jornalismo. **Revista piauí**, 17 set. 2024. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/concurso-uma-historia-na-minha-esquina/>. Acesso em: 5 nov. 2024.

VALENTINI, Géssica. Gabrieli; IJUIM, Jorge Kanehide. A realidade “com um parafuso a mais”: teoria construcionista x revista piauí. **Rev. Estud. Comun.**, Curitiba, v. 11, n. 4, 2010. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/estudosdecomunicacao/article/download/22329/21427/39187>. Acesso em: 11 nov. 2024.

VELLOSO, Monica. De folhetins, canalhas e entretenimentos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 14, n. 39, fev. 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/xKXF3VJ9LcQZ69SRR4pwfqG/>. Acesso em: 25 out. 2024.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.